

Carta DHN nº 52, com levantamentos efetuados até 1956.

A ILHA FERNANDO DE NORONHA NA CARTOGRAFIA

JOAQUIM DE SOUZA LEÃO
Embaixador

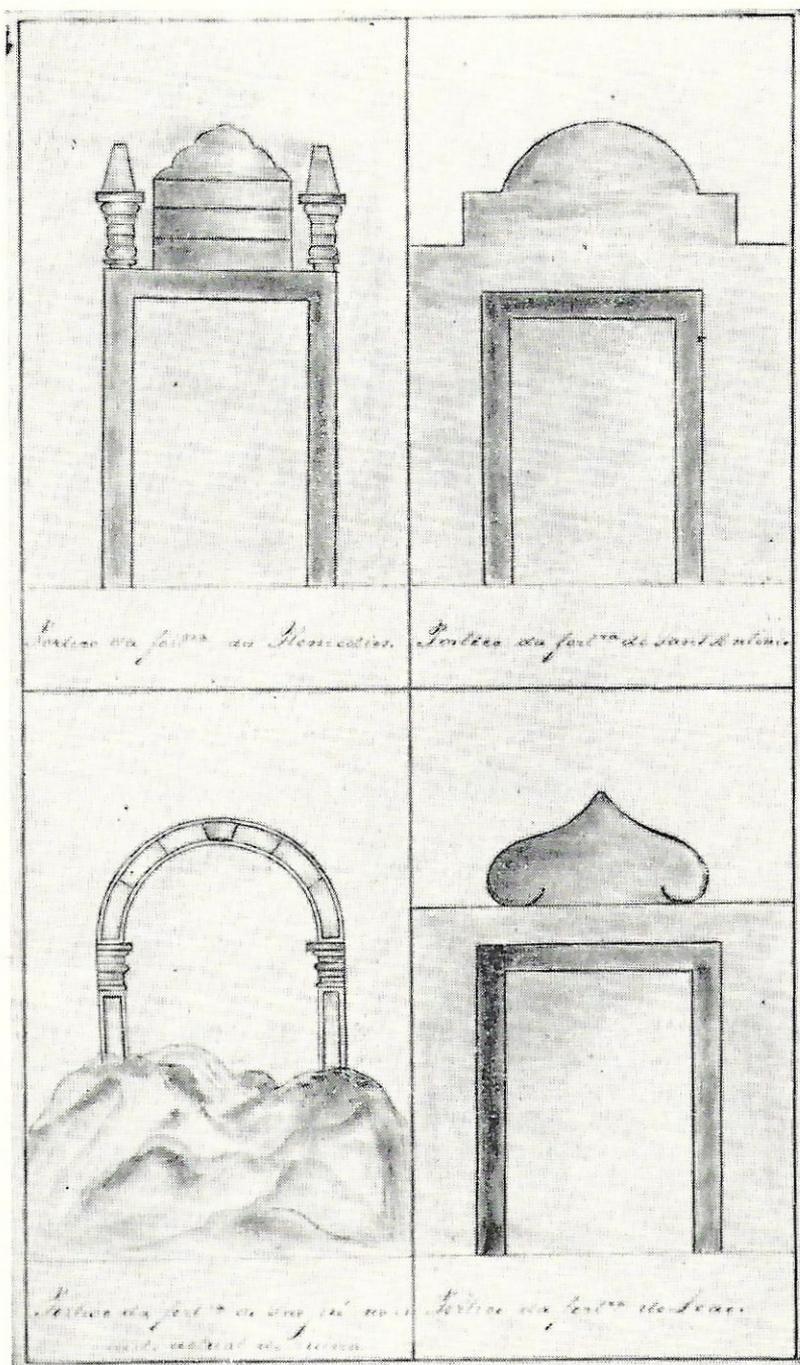
Deduz Duarte Leite, do nome *Quaresma*, com que a ilha aparece no *Plani esférico de Cantino* (1502), que ela fora descoberta na quaresma de 1502, entre 14 e 27 de março, pela frota armada por um consórcio de cristãos-novos que, entre 1501 e 1502, veio ao Brasil a mando de Fernão de Noronha, o contratador do pau-brasil, armada da qual tomou parte Américo Vespúcio em sua terceira viagem, voltando para Lisboa.¹

Teve a ilha esse nome substituído pelo de São Lourenço, porque em suas proximidades naufragou Gonçalo Coelho, em 1503, a 10 de agosto, festa desse santo. E a 16 de janeiro de 1504, foi oficialmente apelidada de São João, ao

doá-la D. Manuel, o Venturoso, como capitania de juro e herdade, ao mesmo opulento armador. Por causa desse terceiro nome, Varnhagen cria que ela tivesse sido achada por Loronha, a 24 de junho, dia de São João.² Atarefado como era, bem improvável parece que se arriscasse Fernão a tão demorada e aventureira viagem.³

Três nomes, pois, e em curto prazo, recebeu a ilha, nomes que não vingaram, por ter sido finalmente crismada com o de seu suposto descobridor.

Varnhagen, aliás, já fora contestado pelo Visconde de Santarém, que atribuí a descoberta a Gaspar de Lemos,



(Do Esboço das diversas fortificações do Presídio de Ferº Norº).

no seu regresso de Vera Cruz, em 1500, portador da carta de Pero Vaz de Caminha. Tendo largado a Baía Cabrália, em princípios de maio, a mando de Pedro Álvares, para informar el-Rei da terra recém-achada, bordejou a costa a prear índios e a cortar pau-brasil. Velejando apenas de dia, somente a 24 de junho avistou a ilha. Essa é hoje a versão geralmente aceita, uma vez que a ilha já era conhecida desde o mapa de 1502, mas quem primeiro a descreveria, de volta do seu *Quarto Viaggio*, foi Vespúcio, na *Lettera a Soderini*, o Gonfaloneiro de Florença, datada de Lisboa a 4 de novembro de 1504 e publicada em 1505 ou 1506: “estando já da linha equinocial para o sul bem três graus, achamos uma ilha no meio do mar, cousa de grande altura, verdadeira maravilha da natureza... provemo-nos de água e lenha. Esta ilha é desabitada, tem muitas águas doces e correntes, infinitas árvores e inúmeras aves marítimas e terrestres, tão familiares que se deixavam apanhar à mão... Não vimos outros animais senão ratos, grandes lagartos de duas caudas e algumas serpentes”.⁴

Se não foi Fernão de Loronha o descobridor, como arrendatário exclusivo do pau-brasil, nas novas terras descobertas d'além mar, justo é que seu nome ficasse ligado a uma parte do que mais tarde constituiria território brasileiro. Cavaleiro da Casa Real desde 1494, credor da Casa da Mina, como se lê de uma carta de quitação de 1498 (pela qual lhe foi concedida a cidadania de Lisboa), armou diversas naus em frotas que partiram para o Novo Mundo e o Oriente. Obrigara-se Loronha anualmente a descobrir cada vez 300 léguas de costa e a levantar uma feitoria: como tal não aconteceu, seu monopólio cessou em 1505. Contudo, confirmou-lhe D. João III, a 3 de março de 1522, a doação da ilha, concedendo-lhe o monarca brasão de armas. Ao fazê-lo fidalgo de cota d'armas, acrescentou meia “froll de lys”, em ouro, à meia-rosa vermelha do escudo que trouxera da Inglaterra, de onde era a família originária.⁵ Esta segunda doação seria ratificada ainda por D. Pedro II, em 1692, num descendente,

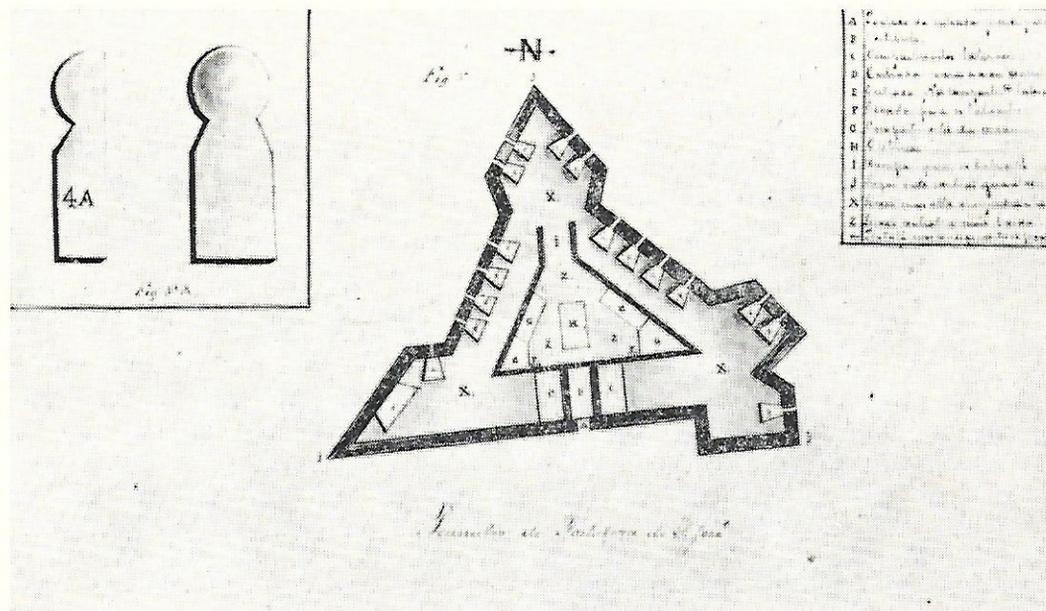
neto do último Loronha, João Pereira Pestana.⁶

Esclareceu a dúvida sobre quem fora o verdadeiro comandante da frota em que viajou Vespúcio. A. Teixeira da Mota (co-autor de *Portugalia Monumenta Cartographica*) numa erudita contribuição que trouxe ao 1º Colóquio Luso-Brasileiro de História do Brasil (1968), ao divulgar o depoimento em que dois marujos declararam no Cabo Verde que a comandava Gonçalo Coelho, pai do futuro donatário de Pernambuco.

A primeira menção da ilha na cartografia, com o nome que passou a ter de Fernão de Loronha, mudado posteriormente para Noronha (apelido mais familiar a ouvidos portugueses), aparece no fragmento da notável carta náutica do cosmógrafo Piri Réis (1513), encontrada no palácio Topkapu, o Serralho de Istambul, em 1939: “Ile de firmam delonce”. Essa carta registra pela primeira vez nomes provenientes da referida expedição exploradora de Gonçalo Coelho. Registram-no também os Reinéis no atlas de 1519 da Biblioteca de Paris como nos planisférios anônimos do mesmo palácio otomano (Pedro Reinel, 1522?) e no chamado *Salviatti*, da Biblioteca Laurenziana de Florença, (Nuno Garcia de Torreno?, 1526). Assinalam *Fernan* ou *Fernão de Loroño* Vesconti de Maiollo (1527) e Girolamo Verrazano (1528) em seus planisférios. Em três portulanos (1527/1529), Diogo Ribeiro escreve Loroña.⁷

Também Pero Lopes de Sousa, em seu *Diário da Navegação*, indica Fernão de Loronha (tanto na vinda (1531) como na volta (1532), passou ele ao largo da ilha, sem avistá-la). Adotaram ainda essa grafia Bartolomeu Velho (1561), Lázaro Luís (1563), Diogo Homem (1568) e Domingos Teixeira (1570).

Na cartografia estrangeira, Nicolas Desliens (1541), seguido por Descelliers (1550), apontam Fernando Loronha. Outros franceses: Thevet, na *Cosmographie*, e Belleforest, na *Cosmographie Universelle*, ambas de 1575, afrancesam-lhe o nome (Fernand Loronha),



Perímetro da Fortaleza de São José.

Do Esboço das diversas fortificações do Presídio de Fer^o Nor^o.

como os holandeses, a partir de uma carta de Diego Gutierrez gravada em Amsterdam (1562). Assim Mercator (1569), noutra carta avulsa, impressa, anterior à primeira edição do seu Atlas, e C. Claesz (1579) adotam respectivamente Fernand Loronho e Farnand de Loronho, tal como Ortelius (1570) e Hondius (1597), ao passo que os irmãos Jansz, de Edam (1610), em carta manuscrita, escrevem corretamente: Fernando de Loronha. Willem e Joan Blaeu, nas sucessivas edições do respectivo *Atlas Major* (1635-1662), repetem Loronho. Numa carta de c. 1650 (*Brasília*), dedicada ao General Arciszewski, Joan gravou Noronho, a igual de Arnold Colon em seu portulano, impresso de 1649. São estes os primeiros holandeses a substituírem o L por N, pelo visto baseados na cartografia portuguesa, onde a segunda grafia (Noronha) apareceu pela primeira vez no *Atlas Anônimo* do Museu Naval de Greenwich (c. 1550-1560).⁸ Segundo sua leitura, a nomenclatura promana da expedição de Martim Afonso de Sousa (1530-1533), a qual já figura, é certo, no mapa de Gaspar Viegas, de 1534, mas que não inclui a ilha. Também Fernão Vaz Dourado assinala Fernão de Loronha, grafia adotada no *Atlas de*

Madrid, repetida no da coleção Huntington, em San Marino, que é o desaparecido da Biblioteca Real espanhola, datado de 1570 pelo douto A. Cortesão.⁹ Entretanto, Luís Teixeira, no *Roteiro da Ajuda* (c. 1586-1600) volta a Loronha, como De Bry (1592) e Plancius (1592), a igual do inglês Hakluyt em *The Principal Navigations* (1599).

Bartolomeu Lasso, contemporâneo de Luís Teixeira, adota Noronha, a partir de 1597, seguido por João Teixeira, em 1616, no *Livro que dá Rezão do Estado do Brasil*, ficando consagradas em Portugal as formas Fernão de Noronha e Fernando de Noronha, com ou sem apóstrofe. Como a ilha só foi incorporada a Pernambuco em 13 de setembro de 1700, nenhum dos atlas descritivos de *O Marítimo da/ Terra de / S. Cruz, a que vulgarmente chamam o Brasil* a inclui, pois constituía capitania à parte.

Os italianos assinalam formas estropiadas: Gastaldi (1646), Agnese (1560), Camocio (1569), Mazza .. (1584), Rossaccio (1597); ora Loroño, ora Lazono e ainda Lorena, Loronha. Coronelli (1688) num único mapa, inscreve três variantes: Fern. de Noronha, de Lorenzo e de la Rogne. Esta

última forma é a que se lê em *Histoire de la Mission du Maragnan*, de Claude d'Abbeville (1614).

Noronha é também a fórmula seguida pelos van Keulen, Johannes e Gerard — cartógrafos da West-Indische-Compagnie e outra dinastia não menos ilustre que a dos Blaeu — em seu *De Nieuwe Groote Ligende Zee-Fakkel*, impresso em Amsterdam (1716-1753) no *Nieubrugh in de Gekroonde Lootsman*. (no *Piloto Coroado, à Ponte Nova*).

Fernão de Loronha jamais ocupou sua capitania. Não havia na ilha pau-brasil... O fato de Pero Lopes não a ter demandado, passando ao largo dela 18 léguas numa direção e 50 noutra, é mais que indicativo. E, pelo que escreveu, evidencia-se estava ele bem a par dos roteiros existentes: “Para saberdes se estais de barlavento ou de julavento (sotavento) da ilha de Fernão de Loronha: quando estais de barlavento vereis muitas aves, as mais rabifurcadas e alcatrazes brancos. E o mar é muito chão”.¹⁰

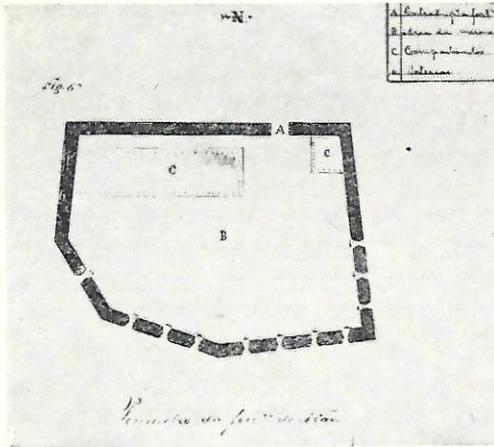
Desabitada continuava em 1558 quando à sua vista passaram Jean de Lery e seus companheiros, de volta da Guanabara, nela não se detendo apesar das dramáticas condições em que iam, o navio a fazer água, escassos os mantimentos: “isle inhabitée, rende comme une tour, laquelle peut avoir une demie lieue de circuit. Comme nous la cotoyons... je vis qu'elle était remplie d'arbres tous verdoyants... il en sortait tant d'oiseaux qui venaient se reposer sur les mats... même se laissant prendre à la main”.¹¹

Pelo visto, tampouco a ocuparam os sucessores de Fernão, limitando-se a tirar confirmação da doação em cada reinado: mas houve uma tentativa de posse antes da primeira ocupação holandesa e esta de parte dos donatários de Pernambuco. Sabemo-lo por outro clássico da literatura trágico-marítima, o de Estácio do Amaral, (*Tratado das Batalhas*) que lá foi ter em 1602 no Galeão *Santiago*, cujo relato, por certo, é o primeiro por um português e bem realista: “Esta ilha é pequena, áspera e pedregosa... água salobra e ruim...

arvoredos silvestres... gado vaccum: cabras e porcos, tudo bravo: muitos pássaros marinhos e muitas rolas. Estavam treze ou quatorze escravos pretos machos e fêmeas e com eles um português por feitor”. Os pássaros deixavam-se apanhar com as mãos, mas muitos tendo sido mortos, fizeram-se ariscos. Também havia caranguejos, tartarugas e grande quantidade de ratos de pés curtos, saltando *como pulgas*.

Dez anos depois, passavam por Fernando de Noronha novamente franceses numa segunda tentativa de fundarem uma *France Antartique*, desta feita no Maranhão. Embevecido, descreveu-a o já citado d'Abbeville: “très belle et gracieuse, des meilleures et plus agréable terre... forte de sa nature, extrêmement fertile... nous y trouvâmes force bons Mémons, Gyromons, Patates, pois verds, febvres & fruits excellents... quantité de Mais, & de cotton, comme aussi dos Boeufs, Chevres sauvages, Poules... et surtout une si grande multitude d'oiseaux d'espèces inconnues... bons à manger & faciles à prendre à la main...”, verdadeiro *pays de cocagne* que faz pensar noutra paradisíaca descrição, a de Santa Helena, por Linschoten, em seu famoso *Itinerário* (1596), onde era também tal a abundância de caça e pesca que, a pauladas, pegavam quanta queriam. Mas, os homens que encontrou eram índios e não negros, com seu feitor português (seriam por acaso os mesmos?), “tous esclaves a exiliez dans ce lieu par ceux de Fernambourg... Ces pauvres Indiens, aussi bien que le Portugais, nous prièrent instamment de les retirer de ce lieu... Après voir demeuré quinze jours dans l'Isle de Fernand de la Rongne nous en partimes le huitième de Juillet... menans avec nous les sudits Indiens & le Portugais”.¹² Deixaram-na deserta, pois, D'Abbeville, por sinal, é o quarto cronista a admirar-se da mansidão dos pássaros.

Vejamos agora de quando datam os mapas da ilha propriamente. A primazia entre os que conhecemos cabe à preciosa carta manuscrita da coleção Manuel Barata, no Instituto Histórico

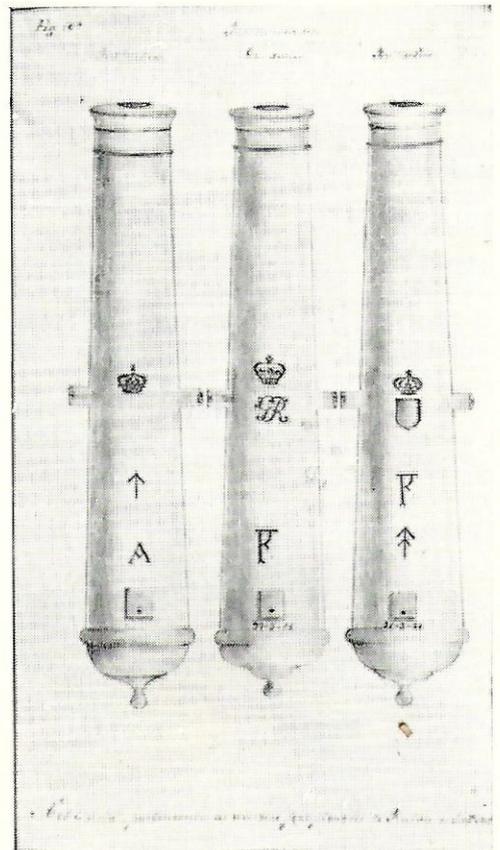


Perímetro da Fortaleza do Leão.
Esboço das diversas fortificações do Presídio
de Fer^o de Nor^o.

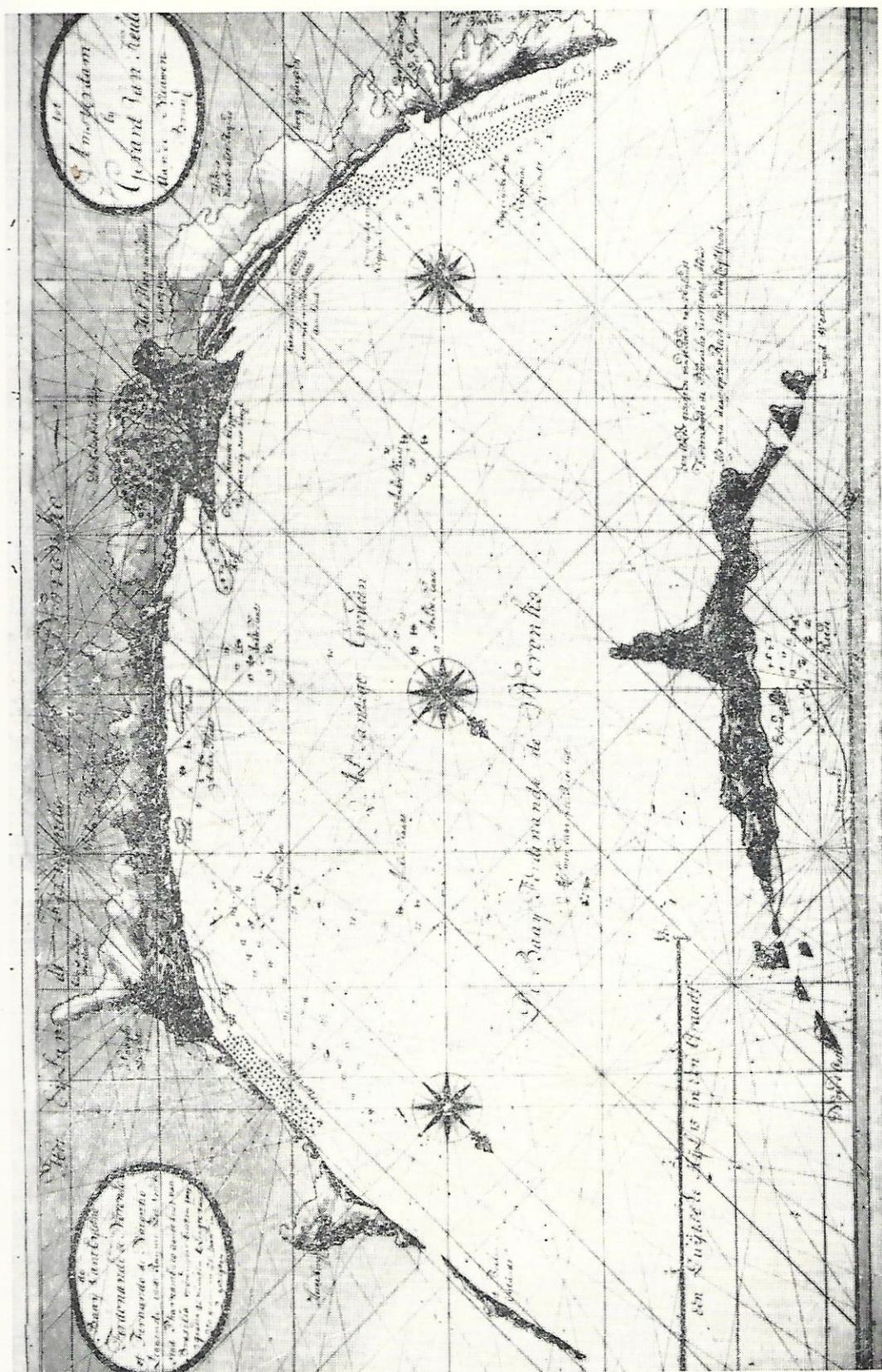
e Geográfico Brasileiro, inserta, com quatro outras, igualmente aquareladas e inéditas, no exemplar da versão em espanhol do atlas de Gerard van Keulen, *La Gran Antorcha de la Mar*, uma das quais leva sua assinatura e é datada de 1717.

Fernando de Noronha foi primeira e realmente ocupada pelos holandeses, em 1628, quando o Capitão Jol (o *Perna de Pau*), tendo capturado uns escravos de Angola, lá deu início a plantações, mas já antes Thomas Sickness, no *Gulden Delphyn*, da Câmara de Amsterdam da Westindisch Compagnie, havia feito escala na ilha (1626) e Piet Heyn, depois do seu segundo ataque à Bahia (1627), nela deteve-se para refrescar. Jol foi desalojado em fins de 1629, a mando de Mathias de Albuquerque — autoridade portuguesa mais próxima —, pelo Sargento-Mor Rui Calaza e seu contingente armado, que regressou (1630) com sete prisioneiros. Voltariam depois que se firmaram em Pernambuco, e novamente sob o comando de Jol, agora *Admiral*.¹³ No armazém lá erigido pela Companhia, servirá como caixeiro e superintendente de carga¹⁴ Pieter Stuyvesant, o futuro governador de Nova Amsterdam (Nova York). Seu pai, um *Dominé*, pediu à Câmara de Amsterdam, em outubro de 1635, a promoção do filho, que já estava algum tempo na ilha, sendo a

seguir transferido para o Recife e depois, como comissário, para Curaçao (1639). Isso revela que, pelo menos, tiveram os holandeses um entreposto com balcão, residências e horta (provavelmente o *Jardim Elisabeth*, que a referida carta assinala). Também fortificaram-na. Em 1649, tentaram mesmo lá produzir alimentos, quando assediados no Recife, tentativa vã, porque infestada pelos ratos.¹⁵ Refere-se Nieuhof (*Memorável Viagem...* pág. 7) a essa tentativa mas equivoca-se na data. Com a rendição de 1654, em cujos termos Fernando de Noronha foi incluída, registra-se a entrega de sete peças de ferro do reduto por eles levantado em 1646 (segundo F. A. Pereira da Costa em sua substanciosa *Notícia Histórica*),¹⁶ artilharia essa reembarcada para a Holanda nos termos daquele ato, ao ser entregue a ilha ao Coronel Francisco



Artilharia pertencente às diversas fortificações do Presídio de Fernando de Noronha.
Esboço das diversas fortificações do Presídio
de Fer^o de Nor^o.



de Figueroa, a mando do General Francisco Barreto,¹⁷ passando assim à Coroa.

Dessa ocupação, resta-nos um documento valioso: a referida carta manuscrita da ilha, de que van Keulen executou em aquarela dois exemplares,¹⁸ cujas dimensões (43 x 68 cm e 41 x 53 cm) correspondem, aproximadamente, às páginas duplas do grande atlas, mas que não chegaram a ser gravadas.

Apresenta essa carta dois perfis paralelos e superpostos, ambos tomados do ancoradouro, a noroeste da ilha: vergado em arco, o de cima, para lhe dar máxima amplitude, e rebatidos os picos e morros; bem menor e mais corretamente orientado, o de baixo, tal como a ilha é vista horizontalmente. As legendas nas duas cartelas ovais, de um e outro lado do título (*Het Eylandt Fernando de Noronho*), são em holandês e rezam, traduzidas: “*Enseada da Ilha / Ferdinando de Noronho / ou Fernando de Noronho / Situada em alto mar deante da / cidade Pharnambuco na costa do / Brasil a 3 graus 42 minutos de latitude Sul / e na longitude de 350 graus 25 minutos / em 2 perspectivas*” (a primeira), “*Em / Amsterdam / por / Gerard van Keulen / na Ponte / Nova*” (a segunda). Orientam-na três rosas-de-vento apontadas para baixo, encabeçando o subtítulo *De Baay Ferdinando de Noronho*. À esquerda, entre os dois perfis, um tronco de língua indica a escala: “*Milha alemã de 15 graus*”. À direita: “*Outra perspectiva da ilha / Ferdinando de Noronho mostra / como é vista do ancoradouro pelo capitão Grout*” (na certa algum capitão de navio, mas cujo nome não figura no arquivo da Companhia.¹⁹ Em virtude dessa autoria, é de presumir-se que seu protótipo remonte aos anos da ocupação e seja mesmo anterior a 1646, já que não indica a existência do fortim, o que lhe asseguraria prioridade de um século sobre as duas que se lhe seguem cronologicamente e constitui a mais antiga toponímia da ilha. Trata-se, na verdade, da primeira carta levantada *in situ*, com indicação das ilhas, baixios e recifes que afloram à superfície, como dos ancoradouros, sondagens e a natureza do solo submarino, tudo com

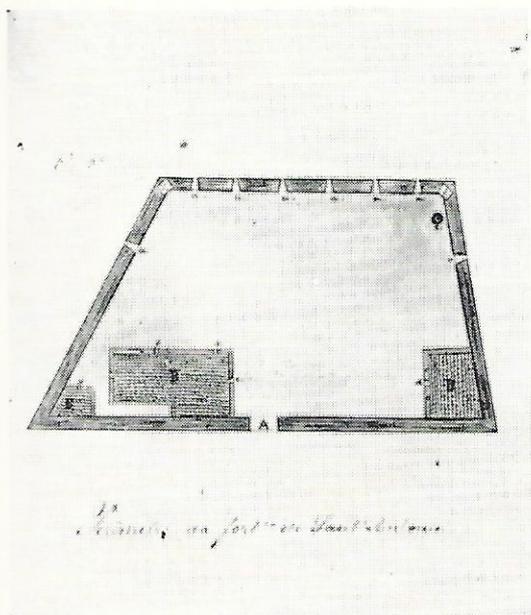
rigor cartográfico que destoa, por certo, do escarpado barroquismo com que foram delineados os contornos do Pico e demais promontórios.

Ao longo do perfil superior, da esquerda para a direita, lêem-se as seguintes legendas: “*Ilha das Cabras / Morro alto / Águas agitadas / Pico alto / Aqui há sempre água / Terras altas / Jardim Elisabeth / Duas Gai-votas / Altos e duplos penedos / Aqui só há água quando chove / Serra Alta / por trás destes recifes chegam os barcos à terra / Através deste furo vararam as ondas / Fundo desigual e pedregoso* (indicação repetida em três lugares) / *Cabras pelo morro*” (também repetida).

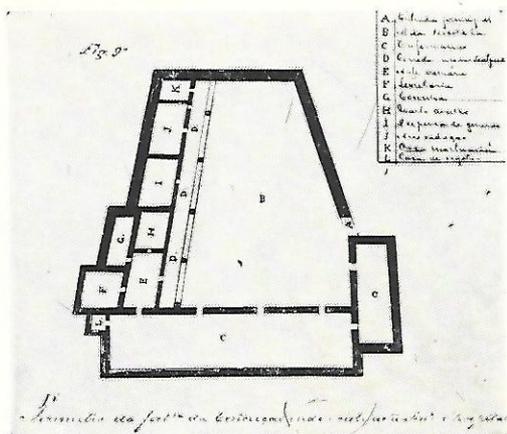
Outro vestígio da época batava, esta, porém, no domínio do folclore, é a lenda (recolhida por Pereira da Costa e ainda ouvida em 1916, por Mário Melo, de um presidiário) da Alamoá: gênio mau da ilha que surgia de uma labareda, nas noites de sexta-feira, fendendo-se a pedra do Pico — nua e loura figura — a seduzir os afoitos, que nunca mais reapareciam.²⁰

Somente em 1694, quarenta anos após Taborda, aventou o Capitão-General Caetano de Mello a idéia de fortificá-la contra entrelopos e baleeiros que faziam da ilha ponto de refresco, em suas idas ao sul. Uma carta régia de 1696 dispunha que houvesse em Fernando de Noronha uma guarnição, mas o governador de Pernambuco deixou de cumpri-la, mesmo porque não estava a ilha formalmente submetida à sua jurisdição. Por fim, a 24 de setembro de 1700, uma carta régia veio regular essa situação, atribuindo sua jurisdição administrativa à Capitania de Pernambuco. Mas, deserta continuaria, tanto que a *Compagnie des Indes*, reorganizada em 1719, resolveu apoderar-se de Fernando de Noronha, na ocasião em que andavam virtualmente rotas as relações diplomáticas entre Portugal e Espanha (com o desacato sofrido pelo embaixador em Madrid) e que forças de Buenos Aires sitiavam Colônia do Sacramento. Teve-se conhecimento, no Rio, do fato. Um emissário do Vice-Rei, Conde das Galveas, foi ver o que se

passava e encontrou a ilha efetivamente ocupada (1736) por um destacamento francês, que havia acampado e dado início a plantações. O governador de Pernambuco recém-nomeado, recebeu ordens de Lisboa (1737) para desalojá-los, recomendando-se-lhe, porém, por cautela, que o fizesse de *motu proprio* (assim o atesta Varnhagen), ordem à qual Henrique Freire não tardou em dar cumprimento. Em outubro do mesmo ano, seguiam do Recife duas fragatas com uma expedição vinda de Lisboa, comandada pelo Tenente-General Lobo de Lacerda, que não encontrou resistência. Foi então que se reconstruiu o fortim holandês²¹ e se deu início aos fortes de Santo Antônio e da Conceição, ao Norte da ilha, concluídos em oito meses e artilhados com vinte e oito peças. Lacerda voltaria à ilha em 1740, quando decidiu completar a defesa pelo Sul, com mais dois baluartes: um na porta dos Dois Irmãos e outro na do Sueste, com seis e quatro peças. A partir dessa data, começaram os destacamentos regulares de Fernando (segundo Fernandes Gama), sendo quicá lícito situar nessa altura a utilização da ilha como sítio de degredo, já que, por decreto de 26 de agosto de 1755, (1765 conforme Vas-



Perímetro da Fortaleza de Santo Antônio.
Esboço das diversas fortificações do Presídio de Fer.º de Nor.º.



Perímetro da Fortaleza da Conceição, onde existe atualmente o hospital.
Esboço das diversas fortificações do Presídio de Fer.º de Nor.º.

concellos Galvão, possível equívoco tipográfico numa ou noutra fonte), seria obrigado o cofre de Angola a dar 4.000\$ por ano para as despesas do presídio, situação que durará até a Independência,²² o que só tem explicação, servindo este para tal fim àquele Reino, já que, do ponto de vista militar, não havia interesse. Repetindo-se o episódio de um século antes, dessa curta ocupação francesa, resultaria o segundo mapa da ilha, soberba peça e ambiciosa no seu objetivo, que é também o primeiro impresso:

“Plan / de L’Isle de Fernand de Noronha / située sur les côtes du Brésil à l’E-NE / do Rio Grande / Levée sur les lieux en 1734 par un officier / de la Compagnie des Indes, et la Coupe de cette Isle / avec les Bancs et dangers qui l’entourent.”

Philippe Buache, “Premier Géographe de Sa Majesté”, prolífico cartógrafo (1700-1773), publicou-o em 1737 sob os expressos auspícios da Academie Royale des Sciences (à Paris, sur le Quai de la Mousserie); belíssima carta gravada, medindo 46 x 65 cm e diagonalmente dividida em duas secções.²³ A da direita intitulada:

“Carte de la Partie de l’Océan / vers l’Equateur entre les Côtes d’Afrique et l’Amérique / où la Situation des



Vista do Arquipélago de Fernando de Noronha. Óleo de E. Lassailly.
Coleção de Renato de Magalhães Gouvea.

Iles, Banes et Vigies montre qu'elles peuvent être soit la disposition du fonds de la Mer entre les deux Continents, soit la cause des variétés observées dans le Courant de ces Mers."

Neste preâmbulo, adverte Buache que seu principal objetivo é assinalar as ilhas e recifes que encontram entre a África e a América, isto é, do Cabo Tagrin ao Rio Grande, as quais aparecem em *Coupe du Fonds de la Mer* numa vinheta ao alto, caprichosamente emoldurada, debruçando-se da borda inferior desnudo menino que suspende uma sonda. Igualmente, a cartela do canto inferior, à direita do mapa em estilo *rocaille*, está envolta por molhes de canas²⁴ que nascem de uma base conchífera, horizontalmente continuada pelo perfil da ilha, para juntar-se, em cima, a cabeças infantis que sopram em quatro direções (os ventos).

Desenhou Buache na primeira secção os mapas do Brasil (de Caiena ao Guairá) e da África (do Cabo Branco à Costa do Ouro), sombreados os contornos dos arquipélagos e rochedos que afloram o oceano ao norte e ao sul da linha equatorial, mapas esses que primam pela correção topográfica e pela riqueza toponímica. Procura o cartógrafo demonstrar a tese, pela qual se tornará conhecido, de que existe uma íntima conexão entre as bacias hidrográficas e as cadeias de montanhas, a qual explica a seu ver as migrações históricas, tanto em terra como no mar, não esquecendo as implicações físicas e políticas que, de tal localização, podem decorrer.²⁵ Eis o que diz, em resumo, no texto ao alto e à esquerda, sob o título *Avis*. Nela aparece "*l'Isle Fernando de Noronha nommée I. Dauphine em 1734 par un navigateur français*" e não *Delphine*, como escreveu Varnhagen (repetido por outros), confirmando-se dest'arte que o propósito da Companhia não era no Atlântico, diferente do que a levou no Pacífico a ocupar a Ilha Maurícia, rebatizada *Isle de France*, exótico e sentimental cenário de *Paul et Virginie*. Assim se explica o acabamento caprichoso, a impor-

tância do mapa com o patrocínio da Academia Royale.

Na secção inferior e à direita, um *Avertissement* explica o sentido das cinco linhas pontilhadas e quase paralelas, ao longo do litoral Norte da ilha, que correspondem a cotas de profundidade e vão da *Isle aux Foux* (atual do Meio) às *Jumeaux* (atual Dois Irmãos), baixando de 0 a 40 braças, sondagens essas (acrescenta Buache), conquanto cuidadosas, nem por isso de todo fidedignas. Quais cotas de altitude, aparecem as montanhas sombreadas e do mesmo modo demarcados os pastos e matas. Os nomes são em parte tradução de topônimos portugueses, em parte novos. Ao contrário da holandesa, a nova nomenclatura sobreviverá na cartografia estrangeira como veremos quando nos ocuparmos do mapa anglo-italiano de 1837 e da carta do Almirantado Britânico, datada de 1811 e atualizada em 1852 e 1871, cuja base é um *sketch* de oficial francês, de 1760, o mesmo de que se serviu Buache.²⁶

Por ter sido Fernando de Noronha incluída no roteiro dos navios da companhia francesa, à ilha foi arribar em 1745 uma frota de Saint Malo, procedente de Callao de Lima, comandada por um oficial, que na ilha já havia servido, e na qual viajaram os oficiais espanhóis Juan e Ulloa. Em *Notícias Secretas de América*, deixaram-nos os ilustres itinerantes cabal e circunstanciado relato dessa escala. Surpreendeu-lhes a abundância de carne e frutas com que foi socorrida a faminta e sequeiosa tripulação: deixaram-nos constância da boa acolhida, conquanto viagiada, como era, aliás, de se esperar: louvaram a espaçosa solidez dos sete fortes e fortins que lhes pareceram bem artilhados, a piscosidade das águas, a variedade das espécies aladas. Só a tradução londrina de 1809 (*The Brazil Pilot*), segundo um manuscrito inédito da referida obra de Juan e Ulloa, traz o mapa de Fernando de Noronha (20 x 22 cm), apresentado à *Exposição de História do Brasil* de 1881 (n. 19.431).

A segunda referência portuguesa a Fernando de Noronha é a do cosmógrafo-mor do Reino, Luís Serrão Pi-

mentel (1613-1678), de meados do século XVII. Publicou-a o filho em 1681 (*Arte Prática de Navegar*), p. 144 da edição de Lisboa de 1940. Nela se confirma que “esta ilha já foi povoada pelos portugueses, hoje deserta”.

E a primeira carta portuguesa da Ilha teria sido a remetida para Lisboa em 1749 com a *Informação Geral da Capitania de Pernambuco*, sendo governador Luís José Correa de Sá, a qual dá uma sumária descrição do arquipélago, sua posição e coordenadas geográficas, acompanhada de uma planta geral e doutras relativas às cinco baterias.²⁷ Não foram estas reproduzidas nos *Anais da Biblioteca Nacional* (Vol. XXIII), que publicou aquela, mas encontram-se no Arquivo Ultramarino. Da planta geral, aqui incluída, existe uma cópia na Biblioteca Nacional, exposta em 1881 (n. 2304), aquarela esta datada na Bahia de 1757. Divide-se a mesma em duas secções, a superior assinalando “todos os portos de sua circunferência e depois a sua perspectiva/ae”, e a inferior é intitulada *Perspectivas vistas da parte do Sudceste* e de distâncias que vão de 1 a 10 léguas.

A primeira secção, além da planta da ilha corretamente delineada, indica os fundos entre Dois Irmãos e os Rochedos, como os fortes assinalados por torres ameaçadas (em número de seis, por certo), apresentando Fernando de Noronha num perfil igualmente arqueado, como na costa holandesa. Se a nomenclatura é mais abundante que a do mapa francês, nela não aparecem os acidentes orográficos, sendo do ponto de vista cartográfico um retrocesso. Apenas, no povoado, foram delineados vários quartéis, o posto de comando e a Capela de Nossa Senhora dos Remédios.

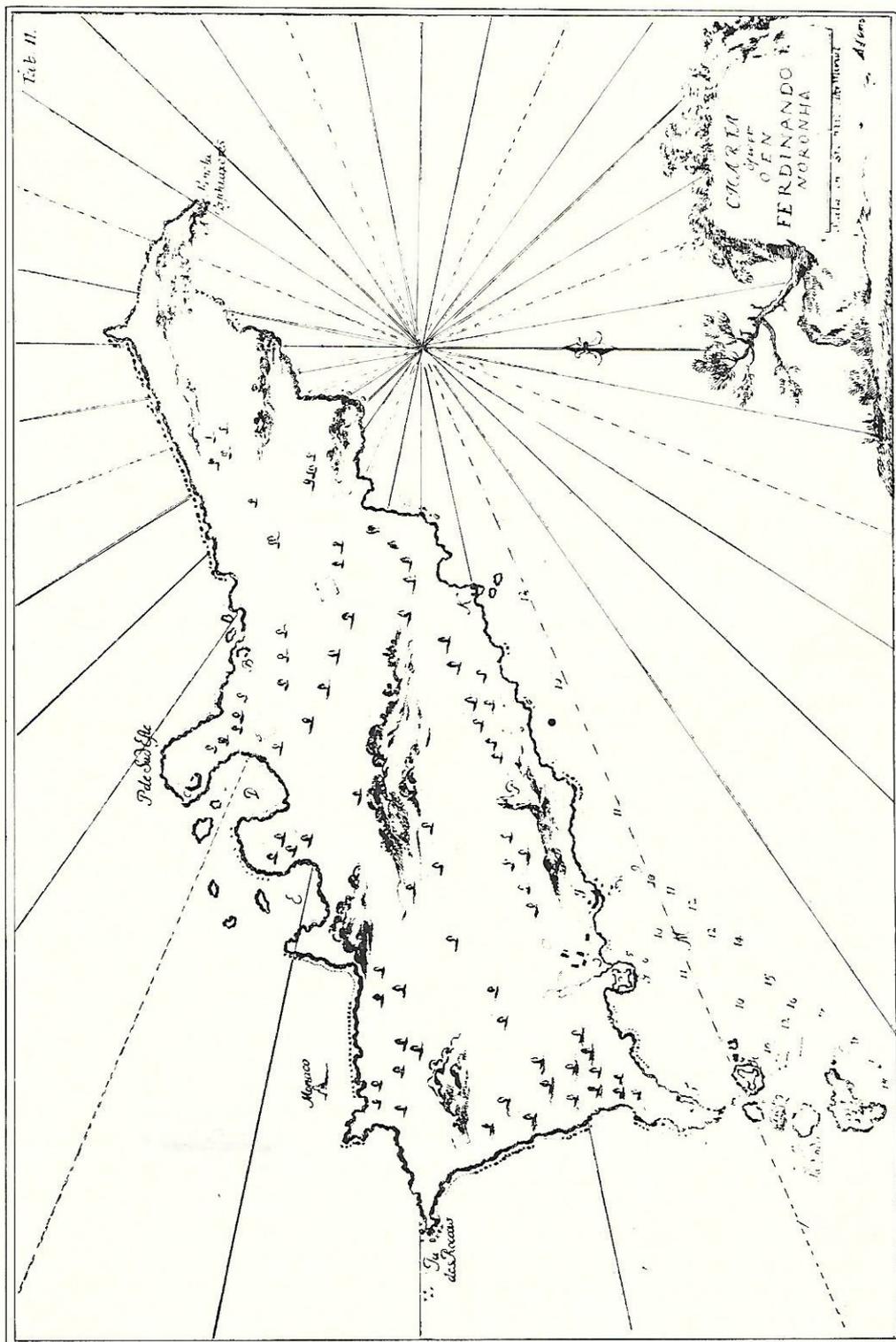
Segundo a dita *Informação*, constituíam o presidio quarenta e dois oficiais, médicos, sargentos, trezentos soldados e contava a artilharia quarenta e cinco peças de ferro. Não se fala ainda em degredados e trinta índios. O porto, da banda de oeste, admitia oito a dez navios surtos em 6 a 7 braças de fundo limpo e areia branca.

Ainda a propósito de franceses, regista essa fonte a já aludida arribada

de 1745: “três naus carregadas de ouro, prata, cacau e couros”, que receberam “boa acolhida” (págs. 330 e 331), arribada, como veremos, quase de rotina também para os veleiros da Companhia (sueca) das Índias, outrossim para os baleeiros e isso durante todo o século dezoito. Com efeito, o navio *Gustav Adolf*, ao regressar de Java, não pudera refrescar-se no Cabo da Boa Esperança, devido às tormentas, e tampouco em Santa Helena, por estar a Suécia em guerra com a Inglaterra; detém-se em Fernando de Noronha. Seu contramestre, Carl Gustav Ekeberg,²⁸ alude no livro de bordo a outras passagens, quais a do *Fredric Rex*, o primeiro navio de sua Companhia, em 1731, a do *Stockholm* em 1739 e, ainda cita outro navio.

Efetivamente, podiam os navios, ao deixar Cabo Verde, escolher duas rotas: uma, mais longa, aproveitando os alísios até a costa do Brasil, que evitava a zona de maiores calmarias; a outra, direta ao da Boa Esperança. Esta era a preferida no retorno. A primeira foi sobretudo praticada nos séculos dezesseis e dezessete e ainda na segunda metade do dezoito, pelos grandes veleiros. Havia o perigo de se aproximarem demais e serem desviados para o litoral Norte. Daí, servirem-se de Fernando de Noronha como ponto de referência. Dobrado o Cabo de São Roque, desciam pela costa com as correntes que vêm do norte. Na vizinhança do Capricórnio, desviavam-se para leste. Outros baixavam até a altura do Rio da Prata, onde encontravam a Corrente Polar e ventos dominantes na direção oeste-leste.

De Ekeberg é a carta que se segue pela ordem cronológica. Não menos corretamente levantada, assemelha-se a de Buache nos contornos do arquipélago, mas os nomes que registra, portugueses, são poucos e estropiados. Sua pormenorizada descrição da ilha saiu publicada em 1761, acompanhada do dito mapa, no *Boletim da Kung Vetenskap Akademien*.²⁹ Começa por fazer conjecturas sobre o respectivo passado, que os moradores desconheciam. Descreve o estado das fortificações, apreciando-lhes a posição estratégica,



mas acha-as insuficientemente artilhadas. Já eram sete, cuja situação assinala com letras: todas muradas de pedra e dotadas de alojamentos, cisternas etc. Como a principal, em ponto alto, não cobria a praia, fora necessário levantar, *vis-à-vis*, o Forte da Conceição. O de Santo Antônio flanqueia a passagem dos navios que vêm do nordeste e ficava junto ao novo arsenal. Na Ilha dos Ovos (atual Rasa), estava o de São José, com seus três baluartes, o mais bem situado. Dois fortins: São Joaquim (aliás Sueste) e Bom Jesus (aliás Leão) no litoral Sul, e outro, São João, (aliás Dois Irmãos), em ponto alto, ao centro-oeste, barravam o acesso por estas bandas. Estima o autor a população em seiscentas almas (quatrocentas da guarnição e o restante escravos e presidiários). Não havia embarcações, só jangadas eram permitidas, para que os presos não tentassem a fuga. Mulheres não tinham licença para acompanhar os maridos. Multiplicavam-se as cabras, vacas e bezerros pastavam às centenas, não faltando galinhas e pombos. Frutas em profusão, peixes saborosos, muitas tartarugas na Ilha dos Ratos. O arvoredor era baixo, nodoso e copado. O mata-pasto alastrava-se pelas encostas. Coqueiros estavam sendo plantados e a portulaca ganhava foros de cidadania. Francisco da Silva Soares era o quinto comandante que se sucedia na ilha.

Sete anos depois (1775), passava por Fernando de Noronha James Cook, voltando de sua segunda viagem.³⁰ Limitou-se o famoso viajante a transcrever trechos do relato de Juan e Ulloa (da edição inglesa de 1772) e a fazer observações magnéticas.

O último mapa colonial é o de José Fernandes Portugal, datado de 1798 (*Plano da Ilha de Fernão de Noronha*, nº 2306 da *Exposição* de 1881), que é autor também do *Discurso s. o estado actual da Ilha... e parecer a respeito do seu melhoramento* (n. 461 do referido Catálogo). Apresenta as plantas de seis fortes e uma perspectiva do arquipélago. Trata-se de um ex-piloto com larga folha de serviços, como militar, à Capitania de Pernambuco (ativo entre os anos de 1777 e 1809). Em agosto

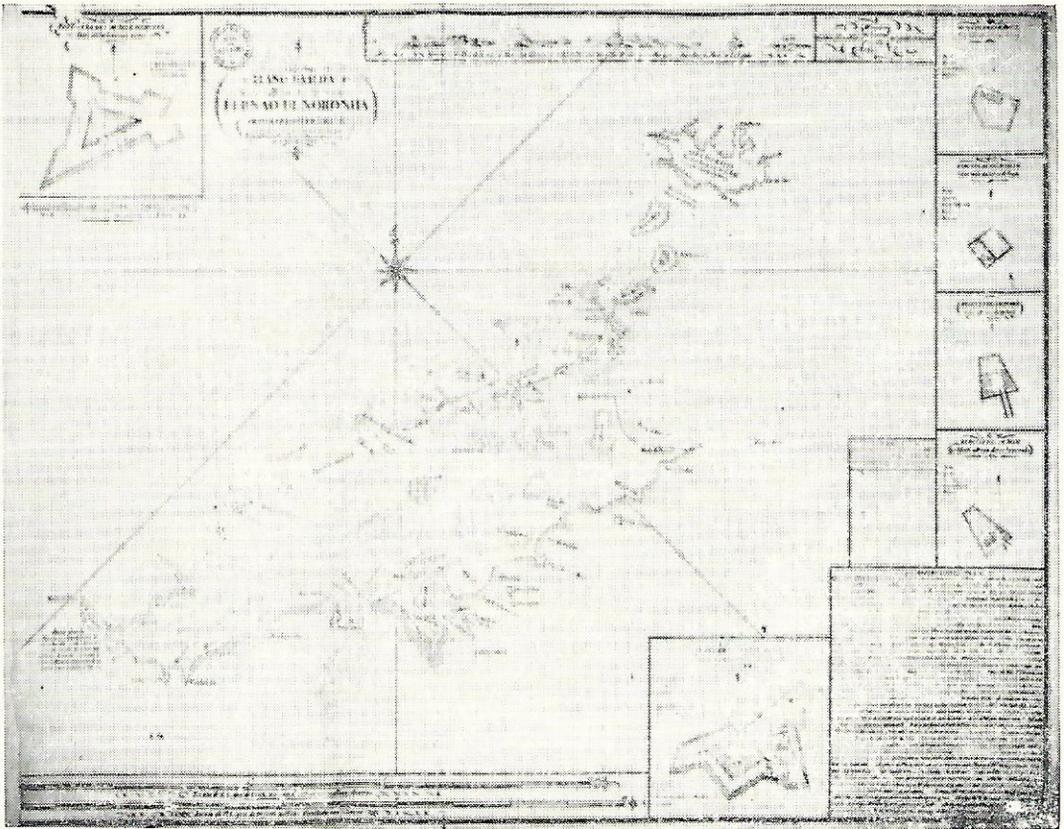
daquele ano (1798), teve lugar uma revolta da guarnição, motivada pela falta de pagamento, a qual foi sufocada pelo Alferes José de Barros Falcão de Lacerda, que, agindo com energia, fez prender os cabeças.³¹

À vista de Fernando de Noronha passa, em princípio de março de 1816, o veleiro americano *Calphe*, trazendo a missão artística francesa. Debret desenhou o escarpado Pico, uma das aquarelas inéditas da Fundação Castro Maya.

Em 1817, desembarcava na ilha o mesmo Falcão de Lacerda (que entretimentos comandara o presídio em . . . 1811/12), a fim de lá proclamar a Revolução Pernambucana, recrutar homens válidos e trazer para o continente a munição que pudesse. Depois de cravar a artilharia que não pôde transportar, regressou ao Recife com trezentos homens entre soldados e sentenciados, dando cabo ao presídio, a respeito do qual corriam no Recife rumores de atrocidades, de que fez eco o *exato* Koster.³² Absolutos eram os poderes do comandante. Um navio lá ia ter duas vezes por ano. Não havia capelão que nela quisesse servir. Careciam de tudo.³³ De 1817 data a revogação da medida que proibia a presença de mulheres. Em agosto chega uma expedição capitaneada por A. J. Ferreira (informa Guilherme Auler em *Os Fortes de Fernando de Noronha*, Recife, 1947) que encontra tudo desmantelado, canhões enterrados ou cravados. No relatório ao Capitão-General Luís do Rego, só restavam vinte e cinco peças em condições, informou o capitão que pedia a remessa de noventa e oito de diversos calibres. Seu substituto, o Coronel Pimentel, preocupa-se com o reaparelhamento bélico, pois constava-lhe a partida de Buenos Aires de corsários beligerantes. Houve uma recuperação parcial.

Criou-se um núcleo colonial, em 1819, para onde seriam conduzidos índios aldeados de Cimbres e Escada, mas que ficou no papel.

Em 1821, verifica-se seca cruel, não ficando uma folha verde. Levaram em procissão uma imagem de São José à



Capela dos Remédios e logo choveu torrencialmente.

Quando da Confederação do Equador, o Presidente Pais de Andrade designou comandante a L. de Moura Accioly, logo afastado após o fracasso do movimento separatista. Em novembro de 1825, chega o Eng^o Bloem e restabelece o governo central.

Em 1830, escala na ilha o navio inglês *Chanticleer* (Capitão H. Foster, cujo capelão, W. Webster, em sua *Narrative of a Voyage to the Southern Atlantic* — Londres, 1834), é mais um a gabar as belezas naturais, a vegetação densa dos morros, as praias arenosas, que domina altaneiro o Pico. Dos fortes escreveria: “all of which seemed to have every advantage that nature can give them... so disposed as wholly to command all the anchorage and landing places”. Foster elabora belo mapa que também parece copiado de Buache, a julgar pela nomenclatura traduzida do francês para o italiano, por vir à luz

numa obra publicada em Nápoles (1854).

Dois anos depois será Darwin quem passa por Fernando de Noronha, na memorável viagem do *Beagle*. A edição ilustrada do seu *Journal* (1890) mostra na página de rosto uma vinheta com o Pico inclinado, um gigante de “melted rock into yielding strata”. Observou o naturalista com mais objetividade, “The whole island is covered with wood, but from the dryness of the climate there is no appearance of luxuriance”. O Capitão Fitz Roy deixou-nos uma estatística: duzentos soldados sob o comando de um major, oitocentos moradores, trinta mulheres e umas poucas crianças.

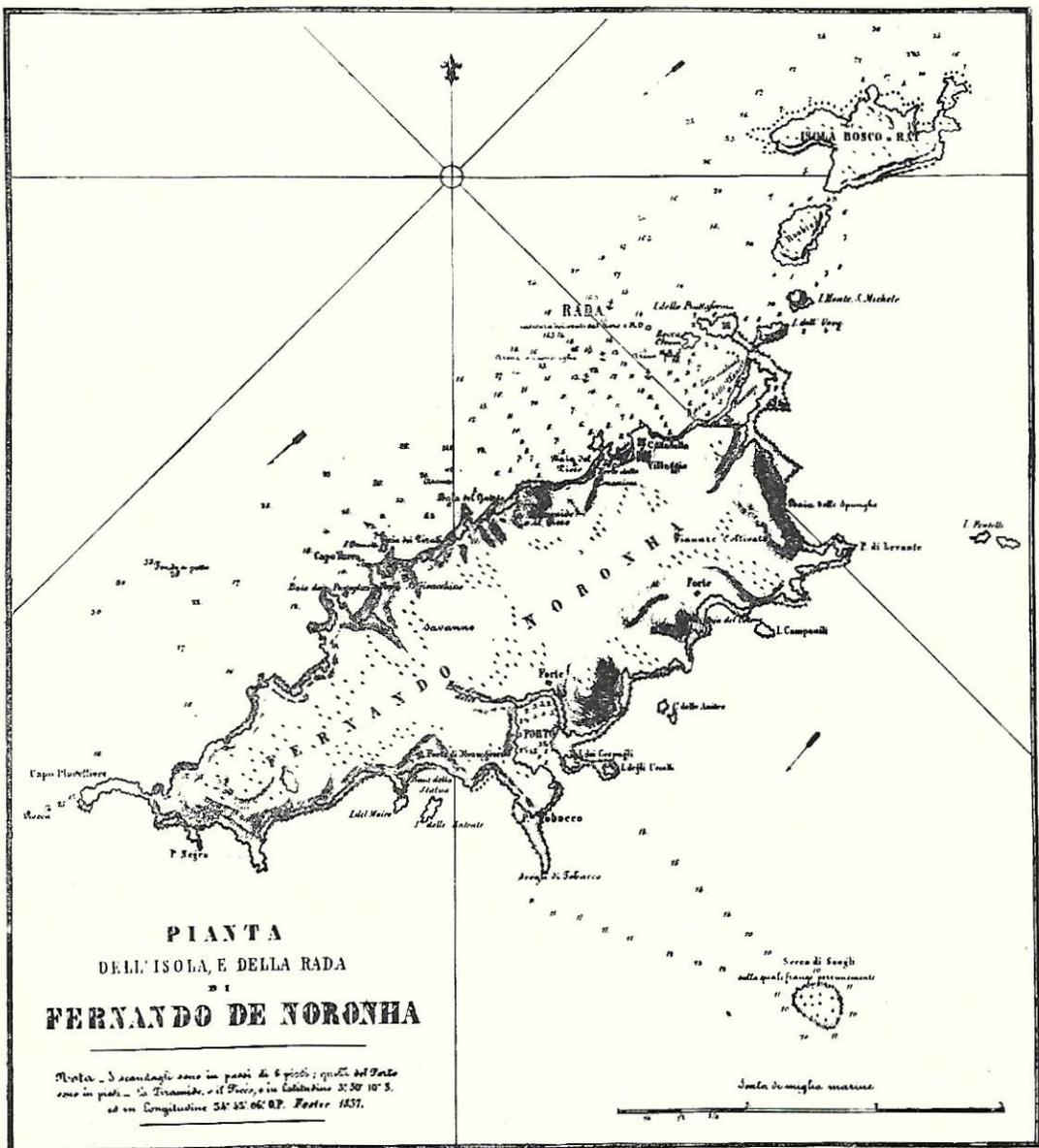
Lisonjeiro é o relato do oficial napolitano da Fragata *Amália*, que escoltou D. Teresa Cristina ao Rio, em 1843. De volta à Europa, o Tenente Eugênio Rodríguez, reunindo o material hidrográfico existente, publica sua monumental *Guida Generale delle Navigazione... de l'America del Sud* (Nápoles, 1854),

ilustrou-a com inúmeras vinhetas panorâmicas e mapas, um dos quais, de *Fernando de Noronha*, aparece como da autoria de um Foster (evidentemente o capitão do *Chanticler*) e datado de 1837.³⁴

Como seus predecessores, registra Rodriguez a fertilidade do solo, a abundância de frutas e legumes, a beleza das flores. Comandava a guarnição, ainda de duzentos homens, um coronel; havia cirurgião e capelão, mas poucas mulheres. A marinha mantinha na ilha bem provido depósito do necessário à

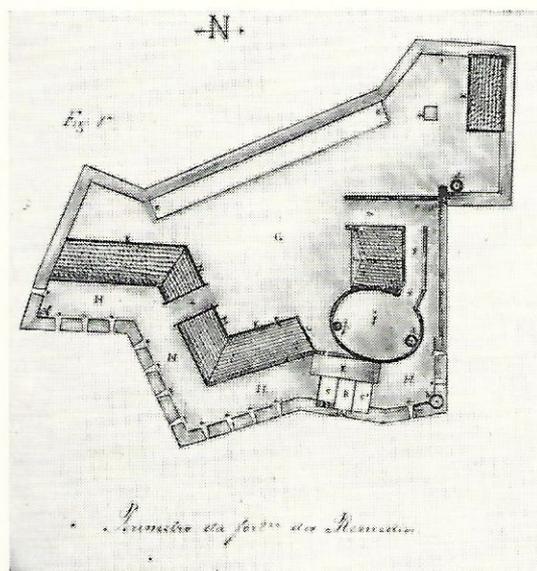
navegação a vela, que lhe mereceu os mais rasgados elogios (não fosse a obra dedicada ao rei, irmão da nossa segunda imperatriz): “Il governo brasiliano con iscopo veramente filantropico e que onora l'incivilimento maritimo di quella nazione, vi tiene un magazzino di cordami, stoppe, chiodi, rame, catrame ed altri oggetti di servizio ai bastimenti di necessitá... a prezzi iguali a quelli d'Europa” (pág. 560).

Segue-se cronologicamente circunstanciado relatório, proveniente do ar-

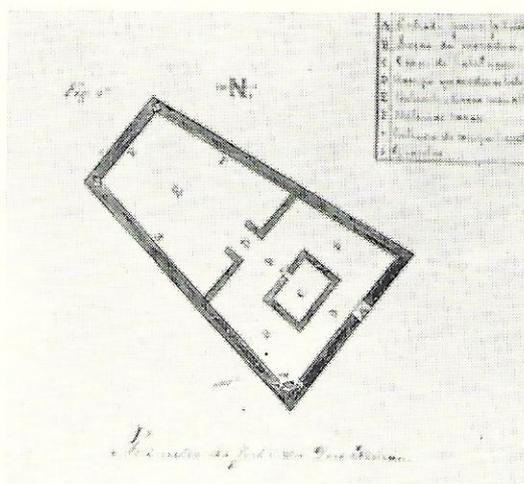


quivo do Visconde de Uruguai, sobre o estado de conservação e o armamento de nove fortes, intitulado *Esboço das diversas fortificações do Presídio de Fern^o de Nor^a*. Sem data nem assinatura, é um trabalho de engenheiro militar que o instruiu com plantas, quadro demonstrativo das respectivas altitudes e da artilharia encontrada, da qual desenha umas poucas peças com suas marcas.³⁵ Ao tentar um levantamento histórico das mesmas, descobriu o autor algumas datas (1715, 1773 e 1776) pintadas à tinta e carvão que não oferecem, portanto, *caráter de autenticidade*, salvo a lápide insculpida na portada do de São José, a qual indica as datas de 1758 e 1761, para sua fundação e conclusão. Efetivamente, a primeira (1715) é tardia demais para ligá-la às instruções de 1694/1696 e temporã para as obras iniciadas por Lobo de Lacerda.

Entretanto, confrontando-se os mapas aqui citados, é possível acompanhar a progressiva aparição das fortificações e subsequente desaparecimento. Assim, o de Buache (1734/37) assinala um *ancien fort*, precisamente no lugar do dos Remédios, o primitivo holandês. Embora discorde de tal antigüidade, o autor do *Esboço* alude à tradição que o ligava à época holandesa,



Perímetro da Fortaleza dos Remédios.
Esboço das diversas fortificações do Presídio de Fern^o de Nor^a.

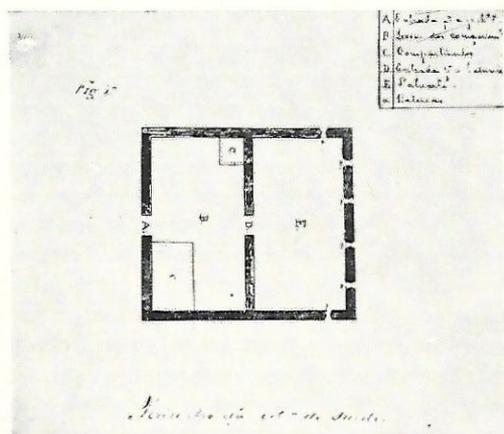


Perímetro da Fortaleza dos Dois Irmãos.
Esboço das diversas fortificações do Presídio de Fern^o de Nor^a.

mas — estava certo — o forte que viu foi o reconstruído. Desconhecendo o mapa francês, não tinha conhecimento de ruínas do forte anterior.

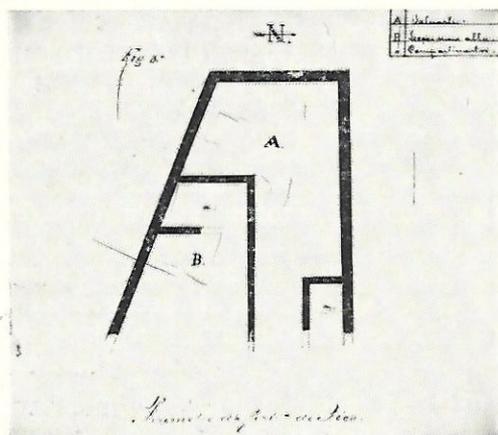
O mapa que acompanhou a *Informação* (1749) localiza os Fortes São José, Santo Antônio, Remédios, Conceição, Dois Irmãos e Sueste mediante simbólicas portas ameadas. No suco de 1760 surgem dois mais: Boldró, junto ao riacho do mesmo nome, e Leão, em frente à ilha do mesmo nome. Tal número subirá a nove com o do Pico, o qual ficava a duzentos metros do penhasco, quase totalmente destruído, segundo a tradição, por pedras roladas do alto. Pela forma trapezoidal que apresentam, todos de alvenaria, parecem contemporâneos os mais recentes: Leão, Boldró, Dois Irmãos, Sueste e Pico, um deles concluído em 1778. O mesmo militar, no seu relatório, informa só estarem em condições Remédios e Santo Antônio (artilhados o primeiro com dezoito peças e o segundo com quatro, conquanto fossem em número de vinte e quatro, e oito as respectivas baterias. Conceição servia de hospital e o *Parque de Santana*, também dantes fortificado, fora reduzido a quartel. São José, que ainda montava onze peças, tinha-as corroidas e seus ouvidos cravados por *pregos perfeitamente batidos* (Falcão havia bem cumprido o seu mandato). Os demais esta-

vam desartilhados e em tal ruína que “repará-los... importaria uma reedificação total” (palavras do relatório). Não é, pois, de surpreender que, em 1830, Foster/Rodríguez acusem apenas sete (Citadela ou Remédios, Santo Antônio, São José, San Joacchino (aliás São João) ou Dois Irmãos, Mezzogiorno ou Leão, e Sueste).



Perímetro da Fortaleza do Sueste.
Esboço das diversas fortificações do Presídio de Fer^o de Nor^o.

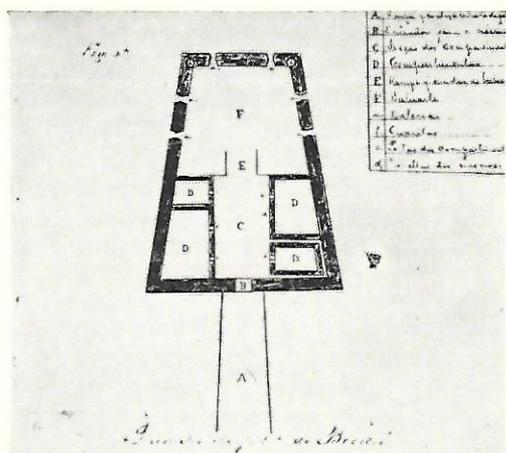
Em meados do século, estiveram presos em Fernando de Noronha os principais chefes da Revolução Praieira: Jerônimo Vilela, Lopes Netto, Borges da Fonseca, Pais Barreto, Abreu e Lima; muitos gaúchos de Piratinin, revoltosos paraenses e baianos. Comandantes que se sucederam no presídio



Perímetro da Fortaleza do Pico.
Esboço das diversas fortificações do Presídio de Fer^o de Nor^o.

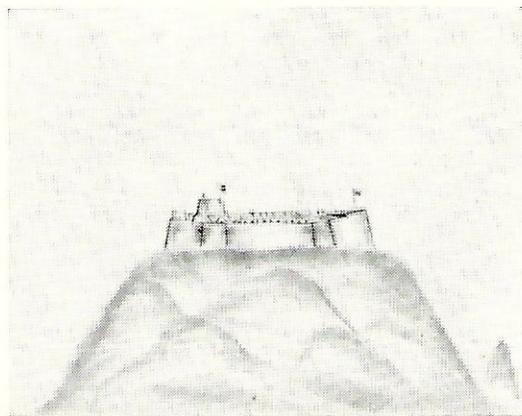
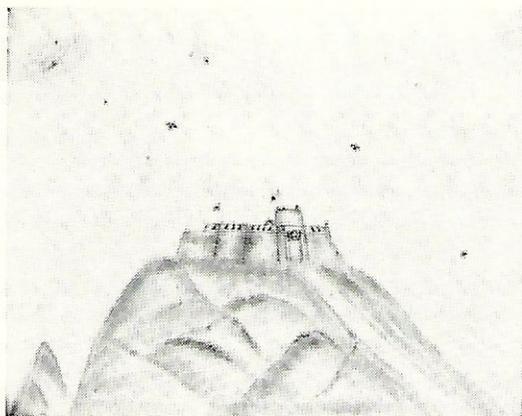
publicaram notícias, como o Coronel Gomes Leal em 1857. De passagem, em 1863, Beaurepaire Rohan escreveu excelente trabalho: *A Ilha de Fernando de Noronha*, publicada em 1942 (*Arquivos*). O professor de Indiana, J. C. Branner deixou três estudos sobre sua geologia e a fauna, divulgando-os na *Revista* do Instituto Arqueológico. Também nela publicou Pereira da Costa seu já referido estudo de cento e vinte páginas, após ter passado na ilha o mês de abril de 1887, outro testemunho sobre o estado das fortificações. Salvo a dos Remédios e Dois Irmãos, que ainda tinham suas muralhas, o resto, segundo ele, se encontrava em *adeantado estado de ruínas*.

Com a proclamação da República, novamente passou a jurisdição de Fernando de Noronha, inclusive do presídio, ao Estado de Pernambuco. Em maio de 1916, esteve no arquipélago o Governador



Perímetro da Fortaleza do Boldró.
Esboço das diversas fortificações do Presídio de Fer^o de Nor^o.

dor Manuel Borba. Continuava em condições Remédios; os demais fortes não passavam de escombros, os canhões espalhados pelo chão, a ponto de propor-se Guilherme Auler, secretário do Território Federal, criado por decreto-lei a 9 de fevereiro de 1942, balizar com marcos os fortes que teve dificuldade em localizar, sugerindo a restauração de alguns pelo então Serviço do Patrimônio (SPHAN). Desde agosto de 1938, havia sido o presídio transfor-



Fortaleza dos Remédios, pelo lado da barra e do mar.
Esboço das diversas fortificações do Presídio de Fer^o de Nor^o.

mado em colônia agrícola destinada à “concentração e trabalho de indivíduos perigosos à ordem pública ou suspeitos de atividades extremistas, colônia essa transferida para a Ilha Grande na data da criação do referido Território.” Novamente figuras da política e das letras lá estiveram confinadas durante o Estado Novo.

Dada sua posição estratégica, a 345 quilômetros do Cabo de São Roque, e seus nove quilômetros de extensão por três de largura, foi o Arquipélago de Fernando de Noronha, na Segunda Guerra, o ponto mais avançado da defesa nacional, como depois, no início da era espacial, desempenharia importante papel, durante dez anos (até 1969), ao serviço dos norte-americanos, como estação de rastreamento para satélites terrestres. Foi essa uma terceira presença estrangeira na ilha, mas de cooperação científica e amistosa.

Tanto em 1760, segundo Ekeberg, quanto em 1830, como observou Webster, diversos córregos ainda davam água de beber, parecendo que não se conhecia até a segunda data os problemas atuais de abastecimento, reduzido a duas nascentes, sendo salobre a água que jorra dos poços artesianos, o que obriga a captar a das chuvas mediante a construção de açudes. Nos primeiros séculos, não há alusão por parte dos viajantes às longas estiagens, à

vegetação rarefeita (muito pelo contrário) ou ao solo pedregoso que agora observaram membros do séquito presidencial, quando da visita, em novembro de 1971, do General E. Garrastazu Médici, o primeiro Chefe de Estado a pôr os pés em Fernando de Noronha. Impressionou-lhes a proliferação de ratos, sapos e lagartixas. Explicação dada: a ausência de gatos. Divulgaram-se nessa ocasião os últimos dados sobre a população: 1239 habitantes, sendo 800 civis e o restante militares e seus dependentes. Há, hoje, um centro hospitalar, com dez leitos, dotado de gabinete cirúrgico, laboratório e enfermaria. Funcionam escolas primárias. Seu governador atual sonha com fazer da Ilha um ponto turístico de atração internacional.³⁶

Fez em 1972 exatamente meio século que escalava em Fernando de Noronha o hidroavião *Lusitânia*, tripulado pelo Almirante Gago Coutinho e pelo Comandante Sacadura Cabral, numa das etapas históricas da primeira travessia aérea do Atlântico Sul, façanha repetida em 1927 pelo paulista João de Barros, no monomotor *Jaú*. Também em 1972, finalmente, no quadro das comemorações do sesquicentenário da Independência do Brasil, foi incluída no roteiro nacional do primeiro Imperador antes de serem seus ossos sepultados definitivamente na cripta do Monumento ao Ipiranga.

NOTAS

- 1) Vide "O mapa mais antigo do Brasil" em *História da Colonização portuguesa no Brasil*, II, págs. 275 a 279, estampa à pág. 260. Porto, 1921.
- 2) Explica-se, segundo Duarte Leite, como sendo de São João, o Ermitão, (27 de março) o dia em que a frota teria zarpado da ilha (II, pág. 279). Entretanto é como S. *joanne baptista* que ela aparece no *mapa-múndi* de c. 1580, do Museu Britânico (Egerton 2803), como na carta do Atlântico Sul desse mesmo Atlas.
- 3) Fernão de Loronha obrigara-se a mandar todos os anos homens e navios a terra. "É pouco provável que aqui jamais viesse", anotou Capistrano à *História* de Varnhagen (I, pág. 118).
- 4) C. Malheiros Dias: "A expedição de 1503", obra citada, II, págs. 288 a 291, Porto, 1923.
- 5) "escudo partido em palla a primeira parte de prata vermelha na cabeça hũa mea froll de lys de ouro pegada com meia rosa vermelha e a outra parte de verde com a mesma froll de lys douro e mea rosa vermelha ao pee e na cabeça hũa pomba de prata voando, elmo de prata sarado paquife de prata e verde por tymbrea a mesma ponta..." apud Antônio Baião: "O comércio do pau-brasil," obra citada, II, estampa à pág. 327. Porto, 1923.
- 6) Autor e obra citados, II, págs. 340 a 343. Desse documento se deduz que, em 1547, já havia entregue Fernão de Loronha sua alma ao criador. Teria nascido entre 1470 e 1475.
- 7) Em estudo sobre *O Planisfério Castiglióni*, Armando Cortesão, autoridade máxima na matéria, leu na estampa 37 que o ilustra (*Portugalia Monumenta Cartographica*, I, pág. 95, nota nº 4), Fernan de la Rona, topônimo, por sinal, quase ilegível. Na que se lhe segue (38), de 1527, aparece *Fernã de L. ...a e*, na de 1529 (39), *Fernã de Loroña* ou *Loroño*, variantes que talvez não o sejam, já que os três *mapa-múndi* de Ribeiro são virtualmente idênticos.
- 8) *Portugalia Monumenta Cartographica*, II, estampa 195 E, Lisboa 1960.
- 9) Obra e volume citados, estampas 242 a 258, e 259 a 277, Lisboa 1960.
- 10) Eugênio de Castro, *Diário da Navegação...*, I, págs. 103 a 379, Rio de Janeiro, 1927.
- 11) *Voyage... du Brésil*, pág. 388, La Rochelle, 1578.
- 12) *Histoire de la Mission... du Maragnon*, Paris, 1614, págs. 53 e seguintes.
- 13) Título temporário que às vezes davam aos comandantes de flotilhas os holandeses.
- 14) G. A. Cox: "A primeira carta impressa de Curaçau", no *Anuário* de 1659 do Ned Historische Scheepvaart Museu, pág. 59 (títulos traduzidos do holandês).
- 15) C. R. Boxer: *The Dutch in Brazil*, London, 1960, pág. 221.
- 16) "A Ilha de Fernando Noronha" *Revista do Instituto Arqueológico*, 1887.
- 17) *Inventário das armas e petrechos bélicos que os holandeses deixaram em Pernambuco... até 1654*, Recife, 1940, pág. 69.
- 18) Existe um segundo exemplar, idêntico, na Biblioteca Universitária de Leiden (Fr. Müller, cat., Amsterdam, 1891, nº 2434).
- 19) Informação do Prof. J. A. Gonçalves de Mello, que nele fez repetidas pesquisas em profundidade.
- 20) Apud L. da Câmara Cascudo (*Geografia do Brasil Holandês*, Rio de Janeiro, 1956, págs. 68 e 70).
- 21) Uma carta francesa levantada nessa data assinala a existência de um *ancien fort* no local em que está o dos Remédios.
- 22) *Memórias Históricas...* Tomo IV (1848), págs. 347 e seguintes.
- 23) Posteriormente, foi esse mapa incluído, com alterações mínimas, em *Cartes et Tables de la Géographie Physique ou Naturelle* (15 Mai., 1757), Paris chez Dezanche, Successeur des Srs. de L'Isle et Buache, "premiers géographes du Roi", sendo Fernando de Noronha o único em formato grande, de desdobrar, entre os vinte numerados que o Atlas contém (um da França, outro de Paris e nove tábuas de texto).
- 24) Talvez tábuas, motivo ornamental sugerido pelos jones da ilha assim intitulada, que fica à entrada do Port (Ponta de Sueste).
- 25) Essa tese sobre as *Chaines de Montagnes, qui traversent les Terres et les Mers, et qui sont comme la Charpente du Globe Terraquée*. Lida por Buache a 15 de novembro de 1752 na academia, como se lê na Pl. 1, do Atlas a que se refere a nota nº 23, prancha essa encabeçada por uma vinheta, finamente gravada com as armas reais e flanqueada por dois alegóricos medalhões. A vinheta mostra uma calota do globo, com-

preendendo a América Meridional, o Oceano Atlântico e a África, os dois hemisférios ligados por uma cadeia marítima que vai do Cabo Santo Agostinho, ao longo de Fernando de Noronha, e uma linha de rochedos e vigias, ao Cabo Tagrin, a qual liga o nosso Planalto Central e os Andes à Serra Leoa.

A Nova Holanda ou o Continente Austral ainda não estava totalmente delimitado e a Cordilheira Andina passava por ser a mais alta das então conhecidas.

Nessa segunda tiragem do mapa, a data *septembre 1737* desaparece da cartela inferior esquerda mas não do privilégio da Academia Royale, no canto superior direito, onde figura a numeração da prancha (XVIII), privilégio essa datado de 8 de setembro, 1737.

²⁶⁾ Apresentou o Arquivo Militar à *Exposição de História do Brasil de 1881* (n. 2308) um "Plan & View of the Island Fernando Noronha taken on board the Colchester Man of War, 1760.

The Plan from a French ms. by Mr. Deslequellens 1733, with some explanation from Buache's Plan of the Island. Hydrographical Office, 1811". Eis a primeira edição do mapa do Almirantado Britânico reproduzido no vol. II da *História da Colonização Portuguesa no Brasil*.

²⁷⁾ São elas os fortes dos Remédios, onde eram guardadas as munições do presídio, da Conceição, em frente, de Santo Antônio, situado numa ilha, de São João Batista e o reduto de São Joaquim de Sueste. Como este número é menor do que o contado antes pelos oficiais espanhóis, a conclusão a tirar é que ditas plantas antecedem a data da *Informação* como ainda a de 1745.

²⁸⁾ Carl Ekeberg é autor de duas importantes obras sobre a Ásia, passando por excelente desenhista. Fez nove viagens à China. Amigo do célebre Lineu, levou ao Oriente os botânicos A. Spaermann (1765) e J. Wallenberg (1771), a seu pedido.

²⁹⁾ Vol. XXII, pág. 55 a 69. Traduziu-o o então Secretário da Legação do Brasil, S. da Ponte Nogueira, que teve a gentileza de fornecer-me cópias de ambos os documentos. Começada essa tradução a partir da página nº 59 da publicação, foi recentemente completada quanto às primeiras por gentileza do Consulado Geral da Suécia no Rio.

O curioso é que Ekeberg cita a Pierre d'Avity (*Description generale de l'Amerique*, Paris, 1643) e desconhece o relato anterior de d'Abbeville que se refere à mesma passagem pela ilha em 1612, lá encontrando um

feitor português e certo número de índios destrerrados de Pernambuco, entre machos e fêmeas: treze a quatorze, segundo o capuchinho, dezoito de acordo com d'Avity.

³⁰⁾ *A Voyage to the South Pole*, v. V., London, 1777.

³¹⁾ *Exposição dos serviços prestados pelo coronel J. de B. Falcão de Lacerda... desde 1798 até 1848*, (Pernambuco, 1849).

³²⁾ Assim o qualificou R. Burton em seu *Highlands of Brazil*.

³³⁾ *Apud* L. da Câmara Cascudo: *Viagens ao Nordeste*, C.E. IV, 1942, págs. 71 e 72.

³⁴⁾ Como Foster faleceu afogado no final da viagem, a data real deve ser 1830.

³⁵⁾ Como explicar-se que tal documento da alçada pernambucana fosse parar às mãos de Paulino Soares de Sousa? Quando ele foi ministro, em 1842/43, o presídio ainda não havia passado à Pasta da Justiça (o que só se verifica em 1877). Consultada, porém, a *Vida do Visconde...* pelo seu bisneto, que generosamente me facultou o exame e a reprodução das estampas, lê-se às páginas 198 e 199 que "sua atividade como Ministro dos Estrangeiros de 49 a 53 é prodigiosa. Em tudo ele mexe, para tudo ele olha..." É Paulino quem toma a defesa do Senado dos atos de Honório como presidente de Pernambuco (1849-53). Nessa coincidência, não estará o elo da cadeia? Pela ortografia e apagado da tinta, o relatório não parece posterior e já vimos porque não podia ser muito anterior (já que em 1817 só foram encontrados vinte e cinco canhões quando ele enumera cinquenta e cinco ao todo). Neste caso, o relatório poderia ser o enviado a 13 de agosto de 1849 pelo Brigadeiro Sérgio de Oliveira que procedeu a um inventário a pedido do mesmo presidente (publicado por Auler no seu citado trabalho, págs. 46 e 47, juntamente com outros que vão de 1817 a 1857). Esse inventário, no número de peças, corresponde ao do *Esboço*, tratando-se então de uma variante ilustrada e mais elaborada.

Por outro lado, como Conselheiro de Estado receberia Uruguai originais e cópias de documentos que não tinham que ver com sua pasta. A ilha, aliás, como fronteira avançada em pleno mar, possível escala para o tráfico negro, de certo modo ficava afeta ao Ministério dos Estrangeiros. Podia ser, pois, que este como outros que enriquecem seu arquivo, nele se encontrasse graças ao prestígio de que gozava o estadista.

³⁶⁾ *Jornal do Brasil*, Caderno VI, .. 22/6/1972.

ANEXO I *

Visitada no ano de 1760 pelo navio
da Cia. Sueca das Índias Orientais,
Príncipe Frederico Adolfo.

Descrita por Carl Gust. Ekeberg

Pequenos e incertos ventos começaram, logo que deixamos Java, a fazer mais lenta do que supúnhamos a viagem de volta pelo mar das Índias, e violentas tempestades vindas do ocidente atrapalhavam nosso curso, quando a ponta Sul da África devia ser contornada até o começo do mês de maio, fazendo com que a Baía de Tafel no *Caput Bonae Spei*, que era o nosso porto previsto para provisões, não pudesse ser procurada com segurança, visto que tempestades vindas do nordeste, que costumam rasar nesta época do ano, tinham já iniciado sua fúria, fazendo pouco convidativa a chegada àquele lugar, tão importante para nós. Assim sendo, ficou resolvido continuarmos a viagem para Fayal, uma das Ilhas dos Açores e, navegando ao longo da *Ilha Ferdinando Noronho*, ali fazer nossas provisões de água e outras necessidades. Em vão permanecemos ainda mais alguns dias, na esperança de melhor tempo e chegarmos ao nosso primeiro destino. Foi no dia 4 de maio que deixamos de ver essas praias entre a pequena Ilha de Daffen e a Baía de Sal-

danha, que havíamos seguido durante dezoito dias, quando encontramos uma esquadra de cinco navios holandeses que voltavam de diferentes lugares na Índia, e que acabavam de deixar o *Capo Bon Spei*. Logo em breve, deixamos tanto a costa de Monomotapa como a nossa companhia holandesa, com um bom vento norte por detrás, que pouco depois virou novamente para o nordeste, com tempestades até 11 de maio, quando aos 30 gr. e 51 min. de latitude, 5 gr. ao oeste do Cabo, um vento mais brando e mais auxiliar nos recebeu. O curso foi retificado para a Ilha de Sta. Helena, para garantia da navegação. O tempo não permitiu que fizéssemos um caminho mais curto, assim como procurássemos colocá-la ao longo do paralelo ou arriscássemos chegar perto de mais da ilha e sermos vistos, por motivo de inquietação de guerra, assim que, como desejávamos, chegamos ao longo dela à meia-noite do dia 24 de maio, com a vantagem de que a perdemos de vista novamente pouco antes do amanhecer.

* Traduzido até a página 55 por gentileza do Ministro Carl-Johan Groth, Cônsul Geral da Suécia. O restante, conforme a nota 29, foi traduzido pelo antigo Secretário da Legação do Brasil na Suécia, Ministro S. da Ponte Nogueira.

Para superar as incertezas encontradas nos mapas, sobre a *Ilha Ferdinando*, assim como a insuficiência de dados fornecidos pelos que a haviam visitado, era necessário um cálculo mais certo a fim de nem fazer o caminho maior nem deixarmos a ilha atrás, pois se escolhêssemos um curso quando estávamos a 120 minutos ou milhas marítimas no lado oeste, levando em consideração os enganos do compasso, isto nos deveria levar a sua latitude.

Tínhamos aqui um pouco de ajuda, com um diário feito em 1739, a bordo do navio *Fredric*, nessas águas. A agulha magnética, que naquele tempo, nas proximidades de Sta. Helena, acusava um engano de 8 graus ao noroeste, tinha agora aumentado para 11 graus e essas mesmas diferenças continuaram durante o resto do caminho. Nem as observações feitas pelo primeiro oficial do mesmo navio, George Baron, durante a sua primeira viagem no ano 1737, podiam ser confiadas. A primeira a encontrou a 24 gr., 5 min., a oeste de Helena e 3 gr., 45 min., latitude sul; a última na longitude 25 gr., 18 min., e latitude 3 gr., 55 min. A diferença dava margem para desconfiar das duas. As diferenças de sul ocorriam também no diário do *Fredric*, o que deu motivo para acreditar-se que alguma corrente, então como agora, era o motivo. Nosso interesse pela ilha não permitia que modificássemos os cálculos com base em incertezas, e depois de, no dia 5 de junho, termos alcançado a latitude de 3 gr., e 45 min., e 21 gr., 41 min., ao oeste do meridiano de Sta. Helena, no dia 7, pela manhã, encontramos a ilha, e na tarde do mesmo dia ancoramos na baía normalmente chamada Remédios.

A *Ilha Ferdinando Noronha* está situada ao nordeste da costa brasileira, a 300 milhas marítimas ON de *Cap Roccas*, e 340 NO de Pernambuco, estando sob a jurisdição daquele governo. As observações que fizemos foram de seu lado Noroeste. Um sol da tarde sem nuvens, um horizonte limpo, e pela pequena diferença entre as observações, depois de calculada a declinação do sol pela última tabela de sol, ficamos

certos da latitude da ilha, durante três dias, por meio de seis oitantes refletores, a 3 gr. 47 min. ou 3 gr. 47 min. 30 seg.

Nosso cálculo no mar deu-nos sem correção 25 gr. 36 min. longitude oeste de Helena, fazendo, segundo a observação de Doct. Halleys, com que a posição da Helena fique a 6 gr. 30 min. a leste de Londres e coloca *Ferdinando* a 31 gr. 6 min. a oeste de Londres ou 16 gr. 20 min. a oeste de *Teneriffa*. Esta diferença de longitude dada pela diferença de sul, faz, após cuidadoso exame, somente 0 gr. 24 min. Assim sendo, pelos nossos cálculos fica *Ferdinando* 26 gr. a oeste de Sant. Helena, ou 16 gr. 53 min. a oeste de *Teneriffa*, o que diferencia somente 0 gr. 10 min. do Mapa de Variações, que nesse setor, isto é, entre Helena e *Ferdinando* considero o mais correto.

Aqui tenho oportunidade de mencionar o engano dos mapas holandeses nesta parte do mundo. A longitude entre *Cap. Bon Spei* e Helena, e entre Helena e *Ferdinando* não difere entre os mapas e entre as distâncias reais. Mas ainda há erros maiores sobre a real localização da Ilha Helena, que colocaram a mais de 14 gr. de *Teneriffa*, quando realmente está a 9 gr. 7 min. O engano teve sua origem, sem dúvida, no erro de longitude, no qual resolveram marcar *Cap. Bonae Spei*, e baseados somente na distância percorrida pelos navios, que em geral fazem de *Teneriffa* a este *Cap.* 38 a 39 gr. Pieter Goos começou seus mapas com esta longitude para o Cabo, a qual foi depois seguida pelos outros. Kolb confirmou a mesma para 37 gr. 55 min. embora Fontenay, Tachard e Le Comte, por meio de seus cálculos de astronomia, encontraram a somente 36 graus.

Observações posteriores a diminuem ainda mais, e o Abade De La Caille ultimamente comprovou 34 gr. 14 min. que os últimos mapas de variações aprovaram, e que se diferencia das holandesas em 5 a 6 graus. Este engano já se alargou pela Helena, Ascención, *Ferdinando* e outros lugares nessas águas.

Não podíamos com a mesma certeza, como a da latitude, marcar o desvio da agulha magnética nesta ilha, em relação às diferentes circunstâncias

entre os nossos compassos Azimuth, mas uma observação no ano de 1754 feita pelo falecido diretor Ekström, com agulha artificial deu:

Noite de atracar	0° 40 — N a E
Duas vezes na baía	0 45 — N a E e
Um dia após a partida	0 40 — N a E

o qual, considerando-se suas decisões, parece ser seguro.

O Mapa de Variação de 1744 dá à ilha, falsamente, um meridiano 1 gr. 30 min. N a E e do Baron ano 1733, 2 gr. 00 min. N a E.

Durante as horas do dia que a água, enquanto estávamos lá, aqui corria, as luas cheia e nova deveriam fazer maré alta de K 5-1/4. É desconhecida a época em que a ilha foi descoberta e isso pouco preocupa seus habitantes. Sem dúvida, foi a mesma descoberta na primeira navegação do litoral brasileiro e seu descobridor é algum *Ferdinand Noronho* ou *Fernand Larono*, de quem não há informações, e que lhe deu o nome. Chamam-na os franceses *Ferdinand de la Rogne*. Parece, também, que não foi ela povoada desde logo, pois, os portugueses, empenhados em ocupar regiões mais importantes, disso estavam impedidos.

Fredric Rex, primeiro navio da Companhia Sueca das Índias Orientais, achou a ilha deserta, não encontrando quaisquer sinais ou restos de habitantes, apesar de P. d'Avity dizer em sua *Description Generale de Amerique*, descrição essa muito curta e imperfeita, publicada em Paris, no ano de 1643, que *Rasilles* e *Ravardier* encontraram aqui, em 1612, um português e dezoito índios, com mulheres e crianças, desterrados de Pernambuco.

Pouco depois da partida do navio *Fredric*, a Companhia Francesa das Índias Orientais ocupou a ilha com algumas famílias, que foram expulsas em 1737 pelos portugueses, os quais acabavam de instalar-se quando da escala do *Stockholm* e do *Fredric*, em 1739. Devido às incursões estrangeiras contra o comércio do Brasil, o rei de Portugal considerou importante sua defesa.

Para tal fim, tem sido fortificada, desde então, nos lugares mais convenientes, com diversas obras de defesa.

A principal, uma fortaleza de quatro bastiões, chamada *Neustra Signiora de Remédios* (v. mapa, tab. II, let. G) está situada em uma colina sobre a enseada. Sua altura impede a defesa de tropas na praia e, por este motivo, construiu-se ao lado uma *redoute*. Neste local, edificou-se a igreja, casa do comandante, quartéis, corpo da guarda e o próprio posto de comando. A uma distância de 300 braças, do lado direito, e a uns 30 ou 40 passos da praia, na entrada da baía encontra-se uma bateria (v. let. I) chamada *Fortaleza de Conceição*. Na parte NE ergue-se uma construção semelhante, a *Fortaleza St. Anthoine*, que flanqueia, de um lado a passagem dos navios e de outro, parte da enseada. Neste local, junto à praia, foi construído um grande arsenal. Na Ilha *Morro des Ovos* (v. let. H), que está mais próxima à enseada, edificava-se a *Fortaleza de St. Joseph*, de três bastiões, e que de todas as fortificações era a melhor situada. A profundidade das águas não chega a impedir que para ali se transportem, em carros, os materiais de construção. Havia, igualmente, no centro da ilha, orientada para N. O. (v. let. K), uma trincheira em uma elevação chamada *St. Juan*, além de outras duas semelhantes, destinadas a impedir desembarques pelo S. E. Uma delas (v. let. B) denomina-se *St. Joachim* e *St. Anna* a outra (v. let. C), todas com muros de pedra, dotadas dos alojamentos necessários, mas ainda insuficientemente artilhadas. As demais edificações da ilha consistiam em algumas cabanas e casebres para os que cuidam do gado.

Cerca de quatrocentos soldados compunham a parte principal da população

da ilha, sob a administração de Don Francisco de Silva Soares (sic), capitão de infantaria, com seus oficiais, dois sacerdotes, um médico, um secretário e um escrivão. A outra parte da população era constituída de malfeitores, condenados no Brasil a penas mais ou menos longas. Havia, ainda, alguns negros, escravos de oficiais e soldados, num total de seiscentas almas. Na maior parte eram brasileiros, substituídos, dois ou cada três anos, por outros vindos de Pernambuco. Assim, já era esta a quinta permanência do governador na ilha.

Não tinham as mulheres permissão para acompanhar os moradores até aqui. Nem mesmo o governador e seus oficiais podiam trazer seus parentes. Como não seria aqui eficiente uma guarnição de frades que, não tendo a consciência preocupada com objetos provocantes, poderiam, em sua inocência, ser de alguma utilidade para o povo.

Estende-se a ilha de NE. E até SO e O. com um litoral de 10 a 11 milhas marítimas. Sua forma é quase triangular e tem altitude média. Encontram-se áreas planas e de solo rico e fértil, entre as elevações, todas cobertas de árvores grandes e pequenas e diversas espécies de plantas, por nós desconhecidas, que permaneciam em uma primavera contínua, graças à uniformidade do calor solar. Na parte NO da ilha, ergue-se de uma colina arborizada um penedo cinzento, liso, inclinado, de formato curioso e que à distância tem a aparência de uma grossa torre de igreja cortada ao meio. A parte SO, irregular e mais acidentada do que o lado oriental, curva-se em um pequeno promontório na direção NO. As ondas, constantemente agitadas por ventos de leste, encontram aqui maior resistência e terminaram por abrir através das rochas (v. let. A) uma passagem em forma de arco. Consistem as praias deste lado de pequenas enseadas arenosas, separadas uma das outras por promontórios frágios, bem como por rochedo de altura variável e pedras submersas. Na direção NNO, cinco ilhas cercadas de ilhotas formam, desde o promontório

nordeste, uma proteção para a enseada ou baía (v. let. M) contra os ventos de quadrante leste. Na ilha mais interior (v. let. H), denominada *Morro de Ovos*, achava-se construída a *Fortaleza Joseph*. Outra, mais elevada, (v. let. Q), situada mais ao largo, tinha recebido, devido ao seu aspecto, o nome de *Sella Genetta*. A mais setentrional (v. let. S), que também é a mais extensa e acidentada, chama-se *Ilha des Rattes*. Tivemos permissão para retirar madeira das pequenas capoeiras que a adornam. Nos lugares mais planos, havia lançado suas raízes uma quantidade de pepinos e *portulacae*. As demais ilhotas, de um lado e doutro da ilha principal, estão entregues a gai-votas de toda a espécie. Os canais entre as ilhotas apenas davam passagem a embarcações pequenas. A praia vai deste promontório, consagrado a *St. Anthoine*, em direção sul, na largura da ilha, até a *Puncta des Roccas*, a uma milha da qual existe um recife perigoso. Em seguida, o litoral formava, a sudeste, duas enseadas fechadas por ilhotas, que serviam de ancoradouro a pequenas embarcações. Chama-se uma delas *Praya Francisco* (v. let. E) e a outra *Praya de Sud-Este* (v. let. D), terminando, deste lado, entre penhascos rochosos e abruptos, no estreito promontório ocidental.

Poderia parecer, à vista de sua proximidade da linha equinocial, que o calor fosse insuportável, mas os constantes ventos frescos do leste, que sopram do quadrante SE ou NE, conforme o Sol esteja ou não no Hemisfério Norte, trazem à ilha um ar límpido e refrescante. Duas vezes por ano, a passagem do Sol, nos equinócios, traz fortes aguaceiros. Por outro lado, quase nunca está o céu encoberto por nuvens paradas ou por nevoeiros, que podem provocar enfermidades pela sufocação e ar insalubre. Os únicos óbitos verificados em um ano e meio foram de dois indivíduos que, descuidadamente, adormeceram ao ar livre e contraíram forte resfriado e disenteria.

Anteriormente, já disse que a ilha produzia grande quantidade de árvores que para nós eram desconhecidas. Nenhuma delas parece servir para ma-

deira, pois eram nodosas, de tronco baixo e copado. Ao mesmo tempo, por serem firmes e cheias de galhos podem ser úteis para outras finalidades. Umhas havia que se assemelhavam à cerejeiras, outras parecidas com nossa avelã, tanto no porte como na folhagem. O outono, que já havia começado, bem como nossa curta estada aqui, eram obstáculos a que melhor se estudassem essas árvores. Não se deve deixar de mencionar outra espécie de árvore, mais baixa, que, pelo tronco e pela folhagem, lembra o bordo, crescendo por toda a parte e produzindo um fruto o qual, quando maduro, é do tamanho de uma noz e cuja casca peluda encerra três caroços oleaginosos, de cor marrom. Tinham esses frutos tal força que provocavam em quem os comia violentos vômitos e diarreia. Encontravam-se aqui, igualmente, muitas plantas que desconhecíamos, em sua maior parte agora despojadas de sua beleza. O capim *Matapasta*, que, a bem dizer, sufoca e desterra todas as outras leguminosas, tinha-se espalhado pelas encostas e terrenos planos, de tal modo que formava pequenas elevações e tinha-se de abrir caminho através delas com toda decisão. Em sua parte superior apresentavam belas flores amarelas e tinham numerosas bainhas verdes e alongadas. O capim dominava livremente, pois os moradores da ilha, que poderiam fertilizar os jardins com suas cinzas e aproveitar os capinzais para culturas ou pastagem, em vista de sua curta permanência deixavam esse esforço para seus sucessores. Também o gado não tocava o capim, como se ele fosse de mau paladar.

A *Portulaca*, que em Ascensão, Helena e muitas ilhas nestas paragens serviu para curar o escorbuto de muitos marinheiros, adquiriu, também, em Fernando de Noronha, foros de cidadania. Entretanto, agora, por falta de chuva, não aparece na abundância costumeira. Há uma espécie de pepino que cresce bravio em uma das ilhas e cujo gosto não é de todo mau, somente se distinguindo dos nossos por uma ponta estreita. Suas sementes são mais duras e redondas.

Nas hortas havia uma quantidade de bananeiras ou *plátanos*, bem como uma espécie menor de limões, chamada *lemonkes* e laranjas doces. Viam-se árvores que, ao mesmo tempo, brotavam, floresciaam e ostentavam frutos verdes e maduros. Do outro lado da ilha, havia-se iniciado, em pequena escala, o plantio de cocos. Os únicos temperos de cozinha eram representados por alguns pés de mostarda e a couve de folha grossa. Encontravam-se também, abóboras, melancias de forma alongada e o milho.

Como na Ilha de Ascensão, as cabras, soltas aqui por algum marinheiro de bom coração, multiplicaram-se de maneira inacreditável, tanto assim que, ao passar por aqui o navio *Fredric*, pela primeira vez, foram pegadas sessenta e três cabras em uma hora. Entretanto, quando a ilha passou a ser visitada com maior freqüência, ao mesmo tempo que aumentava sua população, tiveram as cabras de sofrer grandes reverses e agora pastam em pequenos grupos, buscando os bosques apertados entre as montanhas para não serem molestadas. Às vezes, em caso de necessidade, transporta-se até gado do Brasil para o sustento da guarnição. Esse gado dá-se bem e prospera tanto quanto as cabras, independentemente, da forragem. Encontram-se nesta ilha setecentos bois e vacas, além de bezeros médios, de tamanho normal e bem gordos. Como disse, no Brasil esse gado é de uma espécie selvagem, motivo pelo qual os rebanhos são acompanhados por cães e guardados pelos escravos. À noite, encerram-se as reses em um cercado denominado *Kraal* (sic) e de manhã, após a ordenha, solta-se, novamente, o gado no pasto. Tanto o material para a construção das fortalezas como as demais cargas são transportadas em carros de bois. Os cinqüenta ou sessenta cavalos existentes estão a serviço da guarnição para deslocar-se, rapidamente, de um lado para o outro da ilha ao avistar-se um navio suspeito.

Ovelhas, também de raça brasileira, existiam em tal quantidade, que não se conhecia o número exato de cabeças.

Eram pequenas e magras. Sua lã áspera e curta mais parecia pêlo de cabra e não era impossível tomá-las por um desses animais, com os quais pastavam juntas. Em uma palavra, eram os piores exemplares dessa espécie que eu jamais vi.

A guarnição dispunha, principalmente fornecidos por conta da coroa, para seu uso e sustento, de galinhas, alguns perus e de uma quantidade de pombos. Todos os membros da guarnição dispunham dessas aves, igualmente, sem qualquer privilégio para os mais graduados. Entretanto, a fim de prover às necessidades essenciais dos navios que aqui aportam, permitia-se à guarnição fornecer-lhes, contra pagamento, aquilo de que precisassem, de acordo com preços estabelecidos no Brasil e que eram: para um boi, em nossa moeda de tempos normais, 140 *daler*; para uma ovelha, 15 *daler* e para uma galinha 7 1/2 *daler*. Todos esses preços em moeda de cobre.

As rolas tinham, geralmente, seus ninhos em cada árvore e voavam em grandes quantidades, pois nunca eram perseguidas por aves de rapina, sendo raramente molestadas por caçadores. Outros pássaros menores como andorinhas e a *Fringilla coelebs* constituíam com as rolas todos os pássaros de terra que vimos. Quanto às aves marinhas, vimos apenas gaivotas e grande variedade de *sea-swallows*.

Os peixes, variados e saborosos, que podem ser pescados na oportunidade e na quantidade desejadas, não figuram entre as menores vantagens da ilha. Alguns peixes eram de espécies que já conhecíamos, entretanto, a maioria ainda não tínhamos visto e poderiam ocupar, por muitos dias, um estudioso desse aspecto da natureza.

A fim de evitar fugas desta ilha, não é permitido possuir barcos. Por esse motivo, utilizavam-se na pesca balsas de cinco ou seis troncos reunidos, que, além do material de pesca podem levar dois homens, deslocando-se de uma área de pesca para outra com a ajuda de um par de remos. O principal meio de pesca era com anzol e linha. Somen-

te as sardinhas eram apanhadas com rede, próximo à praia.

Já havia passado a época de postura das tartarugas e por isso não pegamos nenhuma. Entretanto, muitas mostraram-se à beira-mar na Ilha *des Rattes*; raramente alguém as molestava.

Não se encontram cobras, escorpiões ou outros animais peçonhentos. Pequenas lagartixas cinza-escuras corriam entre as pedras ou pelas paredes das casas. Como em outras regiões quentes, havia aqui formigas, moscas e mosquitos em abundância.

Encontravam-se ratos, como em Helena e Ascensão, embora em menor quantidade, talvez, em parte, por terem sido exterminados pelos gatos que, para tal fim, aqui foram soltos e que agora correm pela ilha como em estado selvagem.

A religião, a maneira de ser e o modo de vida dos habitantes é mais relaxada do que seria necessário descrever. Como se disse antes, a ilha pertence ao rei de Portugal e é habitada por portugueses e brasileiros. Os últimos receberam seu sangue dos primeiros e de nenhuma maneira deles se distinguem.

Muitas famílias operosas poderiam tornar esta bela ilha mais útil para si e para o povo em geral. A terra não se mostra relutante em retribuir os labores dos que a cultivam. Não é muito seca e os veios dão água aparecem nas colinas e nos vales, correndo em pequenos regatos até o mar, que levam uma água boa e fresca para o uso dos moradores e viajantes. Tampouco é a terra muito úmida, pois todo o excesso de umidade não tem obstáculos a sua circulação, sendo o restante removido pelos fortes ventos. Também não é árida a terra pois, desde muito tempo, várias camadas de capim, folhas e ervas foram formando espesso humus. Finalmente, a ilha não é pedregosa e acidentada, uma vez que as rochas se encontram somente na orla marítima, servindo em certos trechos como uma defesa contra as ondas. Em uma palavra, *Ferdinando Noronho* (sic) deveria estar em mãos estáveis e trabalhadoras,

que pudessem melhorá-la em seu próprio interesse e no de seus parentes. Porém, enquanto estiver entregue aos cuidados de habitantes instáveis, removíveis periodicamente, cuja honra está

mais na espada do que no arado, e que têm mais por ofício construir fortalezas e defendê-las do que dedicar-se à agricultura, a ilha permanecerá tal como é atualmente.

ANEXO II

Relato inédito de uma escala por Fernando de Noronha, a bordo do Brigue-de-Guerra Spey, inglês, em 1837 pelo comerciante estabelecido no Rio de Janeiro, Edward W. Fry:

22 de fevereiro. "Ancoramos ontem a 1 hora numa pitoresca enseada a leste da ilha em frente ao forte que estava desguarnecido. A oeste via-se outro forte com uma cidadela, arvorando o pavilhão brasileiro. Logo que ancorados, saudamos terra, mas, para nossa surpresa, não houve resposta. Baixou-se uma baleeira e o contra-mestre, Mr. Hill, desceu com dois passageiros para cumprimentar o Governador e pedir-lhe licença para comprar água e mantimentos. Um oficial recebeu-os no ancoradouro, reconhecível pela presença de jangadas e balsas junto à praia. Dirigiram-se todos para a casa do Governador. Voltando à praia, embarcaram novamente e acompanhados de dois habitantes numa jangada seguiram para a ilha em que ficava o primeiro forte a leste do surgidouro. Ao voltarem, soubemos que haviam sido civilmente recebidos pelo Governador que nos prometeu todas as facilidades para nosso aprovisionamento, escusando-se por escrito porque não fora respondida nossa salva, isso porque toda a artilharia havia sido cravada. O oficial comunicou-nos haver suficiente água na ilha, mas que tinha que ser transportada do forte em que é coletada em profunda cisterna e que a arrebentação a atravessar era forte, assim como na praia que havia inundado d'água a baleeira. O mestre, Mr. Barret, foi imediatamente despachado com todos os barris e baldes disponíveis para a ilha e voltou antes de escurecer trazendo-os cheios. Mr. Dunlop, um dos passageiros que acompanhou o grupo, reportou ter visto uma quantidade de ratos e de pombos. De manhã cedo uma balsa nos trouxe um suprimento de leite como presente do Governador e depois foi ter a uma ilha para buscar ovos de anua, ave marinha, que dizem ser muito bons. Pela madrugada o Mestre foi de novo com um grupo buscar mais água com uma mangueira que, passando sobre a colina, alcançava os barris, economizando tempo. Fez duas viagens antes do almoço. Mr. Ker não se sentindo bem, o comandante pediu-me que descesse a terra com seu comissário a fim de comprar provisões e levando como presente moedas para o Governador e uma resposta à sua mensagem. A ressaca não era tão forte hoje e eu saltei sem me molhar, mas meu companheiro e o cirurgião, Mr. Height, não tiveram tanta sorte. Encontramos cavalos que o Governador pôs à nossa disposição e fomos logo cumprimentá-lo. Chamava-se Coronel Alcino José de Oliveira e apresenta um bom espécime de corpulência brasileira. Depois de entregar nossas mensagens, incluindo um convite para jantar a bordo (que foi declinado em obediência a ordens superiores para não deixar a ilha em circunstância alguma). Convidados invés para jantar com ele, prosseguimos na nossa missão de aprovisionar-nos, que fomos buscar às ca-

sas dos moradores, uns vendendo um porco, outros uma dúzia de galinhas, etc., etc. Compramos umas 50 galinhas de 280 a 640 réis cada, conforme o tamanho, dois patos selvagens por 1/2 dólar, 5 porcos de 2 1/2 a 5 1/2 dólares, calculados a 1º 280 réis. Entrei com um dos oficiais na cidadela, onde vimos 9 canhões montados em carretas, provavelmente de 48 libras. Indagando da razão porque haviam sido cravados, fui informado de que durante a guerra das Panelas na província de Pernambuco, muitos prisioneiros foram enviados à ilha, tantos, na verdade, que superaram a guarnição que receando ser dominada, tomou a precaução de inutilizar os canhões, sendo necessário esperar os instrumentos adequados para reabri-los. Às duas horas havíamos terminado nossa tarefa e fomos jantar com o Governador que nos recebeu da maneira mais polida e hospitaleira; antes de sentar-nos à maneira, passaram uma bacia e toalha para lavarmos as mãos; o jantar consistiu em sopa, viteda, galinha e omelete, todos os pratos bem temperados, um bom vinho branco. A família do Governador não apareceu, mas seus três filhos não puderam reprimir sua curiosidade a ponto de fazerem várias irrupções na sala. Em resposta às minhas perguntas fiquei, sabendo que havia uns 80 presidiários, a maior parte no interior, cuidando da horta e das plantações de mandioca; a guarnição é composta de 60 homens, que são substituídos anualmente, mas no presente já se encontrava na ilha há 14 meses e estavam sem comunicação com o continente havia nove meses, e conseqüentemente, muito necessitados de algumas coisas, especialmente chá e açúcar. Gado têm na ilha — foi-nos oferecido um novilho, — também têm ovelhas que não vendem, pois querem aumentar o rebanho; frutas como a laranja, melões, melancias, cocos, abacaxis e bananas existem em abundância nas respectivas estações, mas no momento só havia cocos e bananas que nos foram supridos pelo Governador: algum aipim e abóboras foram também presenteados ao comandante por um dos oficiais que em troca pediu um pouco de açúcar e chá para sua família. Abundam pombos e ratos: os primeiros por vezes agregam-se em tal número que obscurecem o céu; os segundos são tão destruidores que na época em que o milho amadurece e o feijão, as plantações são todas cercadas por ratoeiras e gente é empregada para pegar os ratos e rearmá-las. Também há muitos gatos vadios mas que vivem em bons termos com os ratos, ambos caçando os pombos. Há abundância de mandioca nas plantações, de modo que só nas longas estiagens há perigo de fome, como de pescado. Faz um ano, receando uma insuficiência de farinha de mandioca, o Governador despachou dois soldados e quatro presos numa grande jangada à terra firme que alcançaram em três dias. Só o corporal apresentou-se ao Presidente de Pernambuco com seus ofícios, os demais cuidando de si logo que chegaram, o que é um fato corrente, a ponto de ser esse o método do Governador para comutar as sentenças daqueles que se conduzem bem e tornaram-se particularmente úteis: por exemplo, entre os presidiários havia um alemão condenado a 16 anos por ter falsificado notas e 8 mais, invés da multa de que é acrescida à sentença; este homem sendo um bom mecânico havia conseguido montar uma tecelagem de algodão, semelhante às que existem em Minas, com que supria saias e calças, a única roupa exigida neste clima, suprindo os fusos e os teares que nos foram exibidos trabalhando. Havia construído igualmente um moinho para o milho, bem funcional, de modo que o Governador nos disse ter a intenção de libertá-lo antes do tempo. Os presos recebem para sua subsistência uma ração de mandioca e 40 réis em cobre por dia. Como vestimenta usam os sacos de algodão que trazem de Pernambuco a farinha de mandioca, mas agora que uma manufatura de tecidos pôde ser montada na ilha,

estão em melhores condições. Os fortes foram construídos pelos holandeses quando ocuparam esta parte do país.¹ Os passageiros e oficiais nossos que visitaram o que fica na ilhota ao oriente do ancoradouro encontraram os canhões perfurados como colméia de abelhas e as poucas carretas subsistentes estavam apodrecidas e imprestáveis, mas na cidadela eu contei uns nove canhões em bom estado assim como as carretas. Pareceram-me ser de 48 libras. Os moradores, sem contar os presos e os soldados, contavam uns cem, incluindo numerosas mulheres e crianças. Até 1820 as mulheres não podiam viver na ilha, mas modificou-se então o regime com grande benefício para o lugar. De calcáreo há abundância, pelo que construções estão sendo levantadas, uma capela para os presos — a primitiva estando arruinada — como nova residência para o Governador. A igreja apresentava-se bem cuidada, como retocadas e caiadas as casas melhores. Poucos navios tocam na ilha, salvo para aprovisionarem-se de água e alimentos. Nos últimos nove meses apenas um baleeiro americano e um navio inglês, além do *Spey*. Alguns soldados estão agora presos por terem conspirado a deposição do Governador, entre os quais o farmacêutico, que enquanto falávamos com este, foi trazido para preparar alguns remédios e depois reconduzido à prisão, mas os presidiários que encontramos aparentemente não sofriam restrições e estavam empregados em serviços diversos; os que nos trouxeram o leite pela manhã verificamos que eram presidiários. Uns poucos jornais do Rio, deixados por Ker foram bem recebidos e, como era de supor, muitas perguntas foram feitas sobre as mudanças no governo. Deixei-lhes também alguns jornais ingleses supondo que se interessassem por notícias de Portugal e Espanha, mas ninguém entendia inglês na ilha.

Para transportar as nossas compras até o embarcadouro, distante uma milha da povoação ou vila, forneceram-nos cavalos. Assim, despedimo-nos muito satisfeitos com a hospitalidade e as atenções recebidas. Pela tarde repetiram-se as chuvaradas e a baleeira, superlotada, começou a fazer água, ficando inundada pelas ondas ao largarmos, e as galinhas correram o perigo de se afogarem e só não foram porque nos sentamos no chão, colocando-as sobre os bancos. Uma dúzia assim mesmo afogou-se.

O suprimento de água havia sido completado durante nossa ausência sob a ativa superintendência do mestre e logo que suspendemos as baleeiras, carregadas de mantimentos, estávamos prontos e largamos pouco depois das 6 horas, içadas as velas, amplamente rizados os panos superiores (o que se fazia pela primeira vez desde que saímos). Ao deixarmos a ilha o tempo melhorou e a noite ficou bonita.

¹ Aqui repete Fry o engano freqüente que se faz em Pernambuco de tudo o que é obra antiga atribuir-se aos holandeses. A verdade é que as cinco baterias que havia na ilha foram levantadas em meados do século XVIII.